



PROGRAMA COLETA REGULAR DE TESTEMUNHOS | ACERVO MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO

MEMÓRIAS À MARGEM

Ordem Social e Normatividades na Ditadura

PROGRAMA COLETA REGULAR DE TESTEMUNHOS | ACERVO MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO

MEMÓRIAS À MARGEM

Ordem Social e Normatividades na Ditadura

MEMORIAL DA
RESISTÊNCIA
DE SÃO PAULO

São Paulo, 2025

ABAJA A VIOLENCIA POLICIAL
SOMOS: GRUPO DE AFIRMAÇÃO HOMOSSEXUAL

CONTRA A DISCRIMINAÇÃO R

libertem os



A Embaixada do Reino dos Países Baixos no Brasil tem orgulho de apoiar a coleção *Memórias à Margem: Ordem Social e Normatividades na Ditadura*, iniciativa selecionada no âmbito do Fundo de Direitos Humanos desta Embaixada nos anos 2024/25. O projeto, coordenado pelo Memorial da Resistência de São Paulo, amplia sua coleção de história oral ao reunir testemunhos e reflexões sobre experiências dissidentes de gênero e sexualidade, bem como de outros grupos historicamente marginalizados, durante o regime civil-militar no Brasil.

Acreditamos que lembrar o passado é essencial para proteger o futuro. Ao colocar em evidência as memórias de pessoas trans, travestis, profissionais do sexo, homossexuais, negras e em situação de vulnerabilidade social, a coleção resgata histórias frequentemente silenciadas e nos convida a refletir sobre as formas de repressão e resistência que marcaram esse período. Ao mesmo tempo, desafia as normas sociais impostas por um sistema que visava controlar e apagar a diversidade.

Por um lado, a maior visibilidade das questões LGBTQ+ no Brasil e no mundo vem abrindo espaço para mais artistas, pensadores e ativistas queer e trans. Por outro, sabemos que pessoas LGBTQ+, atravessadas por raça, classe, gênero, idade e nacionalidade, ainda enfrentam altos níveis de violência e repressão em diversos países.

É por isso que os Países Baixos mantêm um compromisso firme com a promoção da igualdade de direitos para pessoas LGBTQ+ em todo o mundo. Trabalhamos ativamente para combater a discriminação, promover a aceitação social e fortalecer a participação de pessoas LGBTQ+ nos espaços de decisão e memória. Acreditamos que todas as pessoas devem ter o direito de ser quem são e amar quem quiserem – sem medo, sem censura e com dignidade.

Apoiando projetos como este, reforçamos nosso compromisso com os direitos humanos, com a justiça histórica e com a construção de sociedades mais inclusivas.

Embaixada do Reino dos Países Baixos no Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO11

O Memorial da Resistência de São Paulo.....	13
Programa Coleta Regular de Testemunhos.....	15
Outras formas de viver a ditadura.....	19

MEMÓRIAS À MARGEM: COLETAS DE TESTEMUNHOS.....25

Aloma Divina.....	26
Andressa Turner.....	28
Antônio Paulino da Silva.....	30
Beth Maison.....	32
Celso Curi.....	34
Cilmara Bedaque.....	36
Edson Cordeiro.....	38
Eduardo Barbosa.....	40
Edy Star.....	42
Gretta Starr.....	44
Jacque Chanel.....	46
José Victorino.....	48
Kelly Cunha.....	50
Laura Finocchiaro.....	52
Lili Vargas.....	54
Marcinha do Corinthians.....	56
Maria Aparecida dos Santos (Iyá Cida de Oyá).....	58
Maria Cristina Calixto.....	60

Mario Mendes.....	62
Miriam da Silva.....	64
Neon Cunha.....	66
Paloma Prates (Paloma Shock).....	68
Pedro Luiz Macena (Karai Yapua).....	70
Rita Cadillac.....	72
Rita Quadros.....	74
Salette Campari.....	76
Silvetty Montilla.....	78
Thaís de Azevedo.....	80
Ubirajara Caputo.....	82
Vera Campos.....	84
Victoria Principal.....	86

MEMÓRIAS À MARGEM: COLETAS PÚBLICAS..... 89

Memórias do Futuro: Lésbicas e Negras.....	90
Sociabilidade Lésbica.....	94
Visibilidades Lésbicas.....	96

GLOSSÁRIO.....100

FICHA TÉCNICA104



APRESENTAÇÃO

O Memorial da Resistência de São Paulo

Inaugurado em 2009, o Memorial da Resistência é um museu sobre as memórias da Ditadura Civil-Militar brasileira e seus desdobramentos no presente. Localizado em parte do edifício que abrigou, por mais de quarenta anos, o Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo, um dos principais órgãos de repressão do país, principalmente durante os períodos do Estado Novo (1937–45) e da Ditadura Civil-Militar (1964–85), o museu tem como missão acolher experiências de resistência e de luta por direitos, valorizar a democracia e promover a educação para a cidadania em diálogo com a sociedade.

É neste contexto que o programa de Coleta Regular de Testemunhos, desenvolvido pelo Núcleo de Acervo e Pesquisa do Centro de Pesquisa e Referência do museu realiza, por meio de uma escuta contínua, um canal de registro de memórias, em especial das que nasceram de processos traumáticos e enfrentaram formas brutais de silenciamento. Aqui, os testemunhos são reconhecidos como fontes fundamentais para a reflexão sobre o nosso passado histórico e sobre processos sociais do presente, tendo como base a importância das memórias, em suas dimensões individual e coletiva, como uma forma singular de retomar o passado.

Hoje, nosso acervo de testemunhos preserva mais de duzentas entrevistas realizadas com ex-presos políticos, familiares de mortos e de desaparecidos durante a ditadura, militantes de movimentos sociais e culturais diversos, com diferentes vivências de episódios de repressão e resistência no contexto ditatorial. A partir da metodologia da História Oral, o programa realiza entrevistas individuais gravadas em estúdio, e entrevistas coletivas abertas à participação do público.

Com vistas à democratização do conhecimento e a promoção de debates públicos sobre os períodos ditatoriais e democráticos, o programa tem ampliado seu escopo de pesquisa e, nos últimos anos, investiga as relações entre autoritarismo e diversidade sexual e de gênero, temática que tem permeado exposições e projetos tratados pelo Memorial da Resistência.

Neste contexto, o Memorial acolheu, em 2014, uma histórica audiência pública sobre as existências e resistências LGBTQ+ durante a ditadura. O encontro, denominado *Homossexualidades e a ditadura no Brasil*, foi organizado pela Comissão Nacional da Verdade em conjunto com a Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”. O evento reuniu militantes de diferentes gerações do movimento LGBTQ+ brasileiro, reforçando o interesse do ativismo por sua própria memória e história.

Entre 2020 e 2021, realizamos a exposição *Orgulho e resistência: LGBTQ na ditadura*, e em 2022 convidamos o Acervo Bajubá, arquivo comunitário dedicado à preservação das memórias LGBTQ+ no Brasil, para realizar, a partir da perspectiva de gênero, uma imersão nos acervos reunidos no Centro de Pesquisa e Referência do Memorial. Essa pesquisa resultou em uma série de atividades, como rodas de conversa, publicações e coletas de testemunhos, além do convite para que o coletivo participasse da exposição *Mulheres em luta! Arquivos de memória política*, em 2023.

A criação da coleção *Memórias à Margem: Ordem Social e Normatividades na Ditadura*, que trata esta publicação, é fruto desse contínuo trabalho de pesquisa desenvolvido pelo Memorial da Resistência e dos encontros e trocas com ativistas de direitos humanos, movimentos sociais e coletivos, como o Acervo Bajubá.

Com esta publicação, damos um passo importante no sentido da produção de inventários sobre as coleções produzidas pelo Memorial da Resistência, voltadas à sistematização e compilação de informações sobre as memórias da resistência à Ditadura Civil-Militar brasileira e à construção de um arquivo não hegemônico da nossa história recente.

Em nome do Memorial da Resistência, agradecemos a todas as pessoas que colaboraram com a realização desta coleção: à Embaixada do Reino dos Países Baixos no Brasil, ao Acervo Bajubá, à equipe do Núcleo de Acervo e Pesquisa do museu e a todos e todas que gentilmente testemunharam sobre suas histórias de vida e resistência.

Ana Pato

Diretora Técnica do Memorial da Resistência de São Paulo

Programa Coleta Regular de Testemunhos

O programa Coleta Regular de Testemunhos do Memorial da Resistência teve início em 2008, com oficinas de memórias gravadas, voltadas à constituição da proposta museográfica do museu e à compreensão do cotidiano do Departamento de Ordem Política e Social (Deops/SP), bem como dos usos do edifício. Nesse primeiro momento, priorizaram-se entrevistas com pessoas que passaram pelo antigo prédio do Deops/SP, majoritariamente ex-presos e perseguidos políticos, familiares de mortos e desaparecidos e militantes de movimentos sociais. Posteriormente, esse escopo foi ampliado para registrar o testemunho de ex-presos e perseguidos políticos, seus familiares, familiares de mortos e desaparecidos, e ativistas de Direitos Humanos e da Justiça de Transição.

A partir de 2012, o Memorial da Resistência aprimora sua metodologia com estudos sobre acervos de história oral desenvolvidos por instituições como o Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), a organização Memoria Abierta (Argentina) e o Parque por la Paz Villa Grimaldi (Chile). O resultado foi a criação de uma metodologia própria, que conferiu identidade ao programa e aos relatos audiovisuais, estabelecendo procedimentos para a aproximação com os depoentes, elaboração de roteiros personalizados a partir de pesquisas biográficas, armazenamento e categorização das entrevistas no Centro de Pesquisa e Referência do Memorial (CPR) e disponibilização dos testemunhos no site da instituição.

Com a consolidação de seu Manual de Metodologia e Procedimentos de Pesquisa, em 2013, duas novas ações foram incorporadas ao programa, que passou a realizar entrevistas direcionadas às exposições temporárias do museu, e a produzir coletas públicas de testemunhos, as quais consistem na gravação de testemunhos com a participação de três ou quatro convidados sobre uma temática específica, no auditório da instituição, com a participação do público.

As investigações conduzidas pela Comissão Nacional da Verdade e pela Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva” também impactaram as pesquisas do Memorial, ao viabilizarem o acesso a documentos inéditos e ao reconhecerem oficialmente novas categorias de vítimas da repressão, como pessoas negras, indígenas e LGBTQ+. Isso levou a uma reflexão interna sobre as memórias até então contempladas nos testemunhos, e impulsionou uma nova etapa do programa, com o início de uma nova coleção denominada *Memórias à Margem: normatividade e ordem social na ditadura*. Essa coleção vem buscando ouvir pessoas da comunidade LGBTQ+, para ampliar a compreensão das vivências e das formas de resistência dessa comunidade durante o período ditatorial.

Essa ampliação de vozes e perspectivas se refletiu também nas exposições temporárias do Memorial da Resistência, como *Orgulho e resistências: LGBTQ na ditadura (2020–2021)*, *Memórias do Futuro: Cidadania Negra, Antirracismo e Resistência (2022–2023)* e *Mulheres em Luta! Arquivos de memória política (2023–2024)*. A coleta de testemunhos e o trabalho de pesquisa que acompanharam essas exposições permitiram uma compreensão mais ampla da repressão, indo além do Deops/SP, tradicionalmente identificado como o principal aparato da repressão política, e revelando a atuação de outras forças policiais na vigilância e perseguição aos movimentos sociais.

Desde 2023, o programa tem se dedicado também à construção da coleção *Memórias de Violência na Democracia*, que busca registrar a persistência da violência policial e das práticas de extermínio na atualidade, especialmente contra jovens negros das periferias.

Tornou-se também uma prática do Centro de Pesquisa e Referência estabelecer parcerias com organizações, coletivos e instituições para a ampliação das temáticas pesquisadas e dos programas do acervo. Entre as parcerias recentes, a colaboração com o Acervo Bajubá, iniciada em 2022, teve como proposta aprofundar a investigação sobre o tema “gênero e ditadura” no museu. A coleção *Memórias à Margem: Ordem Social e Normatividades na Ditadura* é fruto dessa parceria.

A construção dessa coleção apresentou desafios importantes para a instituição, exigindo a reavaliação de práticas no processo de coleta de testemunhos e a reflexão sobre os marcadores identitários presentes nas entrevistas. Isso demandou a inclusão de novos termos no vocabulário controlado do repositório digital do acervo e a criação de um glossário do dialeto Pajubá — forma de comunicação secreta e de resistência desenvolvida por pessoas LGBTQ+ com raízes em línguas africanas como o iorubá e em expressões da cultura popular urbana. A inclusão desta coleção no acervo permite o cruzamento de dados e informações com as demais coleções do programa Coleta Regular de Testemunhos, de forma a garantir uma abordagem mais interseccional e expandir a compreensão das múltiplas dimensões da repressão durante a Ditadura Civil-Militar.

Esta publicação traz as primeiras 34 coletas de testemunhos produzidas, com um breve resumo das entrevistas, biografias e fotografias das pessoas entrevistadas.

Núcleo de Acervo e Pesquisa Memorial da Resistência

Outras formas de viver a ditadura

O Acervo Bajubá é um arquivo comunitário de registro de memórias das comunidades LGBTQ+ brasileiras. Em sua sede, localizada em São Paulo, há uma coleção de itens em processo de catalogação que documentam a diversidade sexual e a pluralidade de identidades de gênero ao longo da história brasileira, sobretudo entre a segunda metade do século XX e a primeira década do século XXI. Além disso, o Acervo Bajubá colabora com exposições, capacitações e projetos de produção, mediação e circulação de narrativas sobre as histórias de pessoas LGBTQ+.

Em junho de 2022, a convite do Centro de Pesquisa e Referência do Memorial da Resistência de São Paulo, o Acervo Bajubá realizou uma investigação curatorial, com o objetivo de analisar como o Memorial da Resistência articulou, em suas iniciativas, noções e experiências de gênero e de propor estratégias para incorporar outras perspectivas até então não contempladas. Tal experiência teve distintos resultados, entre os quais destacam-se a idealização e a constituição da coleção de testemunhos *Memórias à Margem: Ordem Social e Normatividades na Ditadura*.

A coleção é composta por 34 coletas de testemunhos: 31 coletas individuais gravadas no estúdio de história oral do Centro de Pesquisa e Referência; e três coletas coletivas realizadas no auditório do Memorial da Resistência. Produzidos entre julho de 2022 e agosto de 2024, são testemunhos de pessoas que estiveram às margens dos processos políticos da Ditadura Civil-Militar, seja por serem muito jovens durante o período, seja por suas origens sociais, identidades raciais ou de gênero e orientações sexuais terem funcionado como marcadores centrais na busca por outras formas de viver, para além das normatividades dos processos de controle social da época. Trata-se ainda de relatos que estão às margens dos processos hegemônicos de produção de memórias sobre a ditadura e a redemocratização.

Atualmente, a coleção é composta, em sua maioria, por testemunhos de pessoas LGBTQ+. Entretanto, não se trata de um perfil exclusivo, pois acreditamos na importância de colocar os seus relatos em diálogo com outros perfis de pessoas que viviam, ocupavam e transitavam pela cidade de São Paulo de distintas maneiras. Além disso, as vivências das pessoas cisgêneras e heterossexuais entrevistadas também foram atravessadas durante a ditadura por tentativas, por partes de agentes do Estado, de controlar como articulavam publicamente suas identidades. Ao desafiar papéis de gênero tradicionalmente estabelecidos, ou ao reivindicar sua ancestralidade e sua identidade étnico-racial, questionaram de diversas maneiras a ordem social imposta pela ditadura.

O percurso de produção dos testemunhos foi resultado de um diálogo entre a metodologia desenvolvida no Centro de Referência do Memorial da Resistência e as experiências prévias do Acervo Bajubá na produção de entrevistas com pessoas LGBTQ+. Em relação ao período da ditadura, o roteiro de perguntas buscou registrar, por um lado, as percepções sobre expressões de autoritarismo e controle e a presença da polícia no cotidiano das pessoas; por outro, a possibilidade de circular e ocupar a cidade, de conhecer pessoas semelhantes e reconhecer-se entre elas. Já sobre os primeiros anos da redemocratização, foram inseridas questões sobre as primeiras percepções da epidemia de HIV/Aids, reconhecendo-a como uma experiência coletiva que ocorreu em paralelo aos processos político-institucionais que marcaram o período, e sobre a continuidade da violência policial contra determinados corpos.

Com os testemunhos produzidos, iniciou-se outra etapa de trabalho: a sistematização das entrevistas e a sua inserção no arquivo digital do programa Coleta Regular de Testemunhos. Para isso, os relatos em formato audiovisual foram transcritos e, a partir das transcrições, sistematizaram-se os metadados produzidos, o que gerou alguns desafios. As categorias criadas para indexação dos testemunhos do programa Coleta Regular de Testemunhos no acervo do Centro de Pesquisa e Referência do Memorial da Resistência não contemplavam adequadamente o perfil histórico e das vivências abarcadas

pela coleção *Memórias às Margens: ordem social e normatividades na ditadura*. Isso é reflexo de um processo mais amplo de construção do reconhecimento público de que não foram apenas as pessoas que militavam em organizações da esquerda, em movimentos sociais organizados ou familiares de pessoas mortas e desaparecidas políticas, que tiveram suas vidas afetadas pela ditadura. Uma saída encontrada foi a inclusão do perfil histórico “dissidentes de sexo e de gênero” para a indexação de entrevistas de pessoas LGBTQ+. Entretanto, permaneceu pendente uma revisão do processo de indexação do programa como um todo para refletirmos sobre o perfil histórico das pessoas cisgêneras e heterossexuais entrevistadas, cuja inclusão na coleção se relacionou a outras questões relacionadas ao desafio de normas sociais relativas ao gênero e à raça, colocando-as em diálogos com entrevistas produzidas anteriormente pelo programa Coleta Regular de Testemunhos.

Outro desafio que surgiu com o processo de transcrição das entrevistas foi a utilização, por parte das pessoas entrevistadas, de termos que se referem às vivências de pessoas dissidentes de sexo e de gênero, particularmente aqueles que compõem o pajubá ou bajubá. O pajubá ou bajubá é uma linguagem informal utilizada nos centros urbanos por pessoas dissidentes de sexo e de gênero para se comunicarem entre pares, identificarem-se e, em alguns casos, protegerem-se da polícia, sendo articulada até hoje por pessoas LGBTQ+. A solução adotada foi a inclusão neste catálogo de um glossário que identifica e explica tais termos.

Nos últimos dez anos, percebemos um crescimento nos debates públicos sobre as experiências de pessoas dissidentes de sexo e de gênero no período da ditadura. Este fenômeno é resultado, por um lado, da preocupação com a chamada “memória LGBTQ+” e com a diversificação de processos de produção, registro, mediação e circulação de práticas, relatos e registros que a conformam; por outro, do reconhecimento por parte do Estado brasileiro de que pessoas LGBTQ+ também foram vítimas de violações de direitos humanos durante o período da ditadura, sobretudo, a partir da divulgação do relatório da Comissão Nacional da Verdade, em 2014. Entretanto, notamos, como

consequência desse processo, a consolidação de um binômio constituído pelos conceitos “repressão/resistência”, que vem sendo utilizado para a compreensão e significação dessas experiências: vítimas da repressão ditatorial ou resistentes ao autoritarismo e ao cerceamento das liberdades, sobretudo a partir de suas participações no chamado Movimento Homossexual Brasileiro (MHB).

Os testemunhos que compõem a coleção *Memórias à Margem: Ordem Social e Normatividades na Ditadura* permitem refletir sobre se os conceitos de vítimas ou resistentes dão conta de outras formas de viver o contexto da ditadura articuladas por pessoas LGBTQ+, suas relações com a violência de Estado e com as lutas pelas liberdades civis e suas percepções sobre tais processos. Abrem, ainda, o questionamento quanto a saber se categorias utilizadas para analisar as experiências históricas da ditadura e da redemocratização – como “subversão”, “transição” e “exílio”, e que foram centrais no processo de constituição do programa Coleta Regular de Testemunhos – dão conta das experiências vividas por pessoas que se encontravam à margem dos processos políticos da época. Além disso, contribuem para o questionamento sobre os limites da ruptura institucional entre a ditadura e o processo de redemocratização, particularmente devido à continuidade da violência de Estado contra determinados corpos e os limites no acesso aos direitos e à cidadania plena.

Em 2021, o Acervo Bajubá entrevistou Gretta Starr para o podcast *Passagem só de ida*. Naquela ocasião, quando perguntamos sobre suas memórias sobre a ditadura, ela respondeu que era como um livro que estava lendo no presente para saber o que tinha acontecido de verdade. Esse “acontecer de verdade”, apontado por Gretta, demonstra um distanciamento entre suas vivências e percepções e as memórias hegemônicas que circulam sobre a ditadura no Brasil. Em 2024, no testemunho que gravamos no Memorial da Resistência, ela traçou diversos paralelos entre sua vida e os processos políticos que ocorriam no país, recordando, por exemplo, a presença de censores nos ensaios da boate Pink Panther, em Santos (SP). Era como se o livro que ela estava lendo sobre a ditadura refletisse em seus processos pessoais de rememoração, revelando camadas que, três anos antes,

não haviam sido acessadas. Iniciativas como a coleção *Memórias à Margem: Ordem Social e Normatividades na Ditadura* são importantes para reconhecer o valor de memórias como a de Gretta Starr ao incluí-las em acervos de lugares de memória e consciência, pois também são memórias sobre o período da ditadura. E, principalmente, celebram as vidas de pessoas como Gretta, que articularam outras formas de viver, mesmo durante uma ditadura.

Marcos Tolentino
Acervo Bajubá



MEMÓRIAS À MARGEM

Coletas de testemunhos





ALOMA DIVINA

Biografia

Aloma Divina nasceu em Salvador (BA), em 1º de janeiro de 1949. Aos nove anos, fugiu para o Rio de Janeiro (RJ), onde viveu nas ruas, até conhecer a costureira e artista transformista Úrsula, que a levou para trabalhar nos bastidores do espetáculo *Eles são elas*. Trabalhou vestindo as artistas do espetáculo *Les Girls*, no Teatro Rival, até ser incluída no corpo de baile. Iniciou, então, uma carreira na arte do transformismo, apresentando-se no Teatro Rival, Teatro Brigitte Blair e Cabaré Casanova. Mudou-se para São Paulo (SP), em 1974, onde se tornou uma das estrelas da boate Medieval. Em 1979, migrou para Milão (Itália), vivendo em diversos países europeus por doze anos. Ao retornar ao Brasil, estabeleceu-se entre o Rio de Janeiro e São Paulo. No momento da entrevista, vive em Arembepe, município de Camaçari (BA), e continua excursionando pelo país com suas apresentações.

Resumo da entrevista

A entrevistada inicia seu relato contando sobre sua infância em Salvador (BA). Conta como, aos nove anos, fugiu de casa e embarcou para o Rio de Janeiro (RJ). Relata suas estratégias para sobreviver nas ruas da cidade. Conta como conheceu Úrsula, artista transformista que a acolheu, lhe ensinou o ofício da costura e a levou para trabalhar nos bastidores de espetáculos de travestis. Conta como iniciou sua carreira no Teatro Rival. Conta como era a presença da polícia em seu cotidiano durante a infância e quando já era artista. Conta suas experiências de trabalho no Cabaré Casanova e no Canecão. Conta como surgiu o convite para uma reportagem publicada pela revista *O Cruzeiro*, em 1972, e a repercussão dessa reportagem. Relata sua chegada a São Paulo (SP), em 1974, e como se tornou uma das estrelas da boate Medieval. Conta como era a rotina de trabalho e o espetáculo que desenvolveu na casa, *Black is Beautiful*, apenas com artistas negros. Conta como fazia para se apresentar em outros lugares, apesar das restrições impostas pelo contrato da Medieval. Relata sua participação no concurso de beleza *Miss Boneca Pop*, em 1976. Conta como foi sua mudança para a Europa, em 1979. Relata suas experiências de trabalho em diversos países europeus, como Itália, França, Alemanha e Espanha. Conta sobre seu retorno para o Brasil e as diferenças que percebeu na vida noturna. Finaliza a entrevista contando sobre seu retorno para a Bahia, onde vivia no momento da gravação.

Lugares de memória

Cinelândia (Rio de Janeiro), Teatro Rival (Rio de Janeiro), Cabaré Casanova (Rio de Janeiro), Medieval, Nostro Mondo, Boca do Luxo, Teatro das Nações, Val Improviso, Theatro Municipal de São Paulo, Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (TUCA), Madame Arthur (Paris).

Data da entrevista

14 de junho de 2024



ANDRESSA TURNER

Biografia

André Nascimento (Andressa Turner) nasceu em Santo André (SP), em 2 de março de 1967. Cresceu na Vila Alpina, um bairro de trabalhadores, onde estavam presentes, em seu cotidiano, a luta sindical e a polícia. Em 1988, começou a trabalhar como garçom na boate Xanadu, em Santo André, até que um dia propôs ao dono apresentar-se como cover de Tina Turner. Tornou-se, então, uma das estrelas da casa. Em 1992, ganhou o concurso *Scarpin de Ouro*, de melhor dublagem de São Paulo, na boate Nostro Mondo. A partir de então, começou a apresentar-se em diversas casas noturnas pelo estado. Em 1994, participou da divulgação do lançamento do filme biográfico *Tina*. No momento da entrevista, vive em Santo André, onde trabalha como cabeleireiro e maquiador.

Resumo da entrevista

O entrevistado inicia o relato contando sobre sua infância em Santo André (SP). Conta sobre a forte atividade sindical no bairro Vila Alpina e na cidade. Relata a vida escolar e o fato de que não se falava sobre a ditadura na escola. Por outro lado, recorda que a mãe expressava receio em relação à sua segurança. Conta sobre a convivência da mãe com homossexuais em seu ambiente de trabalho e a importância disso em seu processo de entendimento da própria sexualidade e nas primeiras experimentações artísticas com a irmã. Conta como começou a trabalhar na boate Xanadu, em Santo André, em 1988, como garçom, até o dia em que fez sua primeira apresentação como transformista. Relata o processo de produção dessa primeira apresentação e a escolha do seu nome, Andressa Turner. Conta como fazia para aprender as músicas e os trejeitos da artista Tina Turner. Conta quando ganhou o concurso *Scarpin de Ouro*, na boate Nostro Mondo, em 1992. Conta como aprendeu o ofício de cabeleireiro, no salão Carrara Cabeleireiros, cujo dono também se apresentava na noite como artista transformista. Conta como fazia para se deslocar de Santo André para se apresentar em São Paulo (SP) e um episódio em que precisou escapar dos Carecas do ABC. Conta como a vida noturna foi afetada pela epidemia de HIV/Aids. Conta sobre os programas de televisão nos quais participou como sócia de Tina Turner. Conta sobre sua participação na divulgação do filme biográfico *Tina: A verdadeira história de Tina Turner*. Finaliza a entrevista relatando uma apresentação marcante na sua carreira, quando ganhou o prêmio *Scarpin de Ouro*.

Lugares de memória

Xanadu (Santo André), Nostro Mondo.

Data da entrevista

29 de janeiro de 2024



ANTÔNIO PAULINO DA SILVA

Biografia

Antônio Paulino da Silva nasceu em Alagoinha (PB), em 10 de setembro de 1957. Em 1958, mudou-se com sua família para São Paulo (SP), estabelecendo-se na Vila Nova Cachoeirinha. Desde a infância, a casa de seus pais passou a ser um ponto de reunião para os jovens do bairro. Em 1974, começou a frequentar bailes black em São Paulo, como o Chic Show, adotando a estética do movimento *black power*. Nesse contexto, começou a promover bailes, inicialmente em casa, e depois, em salões da região, o que resultou na formação da equipe de bailes black Pink Panther. No momento da entrevista, vive no bairro Jardim Santa Cruz e trabalha como advogado.

Resumo da entrevista

O entrevistado inicia seu relato contando como ocorreu a mudança de sua família de Alagoinha (PB) para São Paulo (SP). Conta sobre as condições de vida de sua família em um engenho no sertão da Paraíba. Conta sobre como era o bairro da Vila Nova Cachoeirinha durante a infância. Conta como começou a organizar bailes em sua casa e os conflitos gerados entre seu pai e sua mãe, que apoiava os filhos. Conta como era sua relação com o centro de São Paulo, os desfiles de escola de samba e o impacto das obras do metrô. Conta suas percepções sobre a promulgação do Ato Institucional n.º 5 (AI-5), em 1968, e a sensação de medo de se envolver em questões políticas. Conta sobre uma abordagem que sofreu de um grupo de oficiais do Exército próximo ao prédio do Deops/SP. Conta seu processo de compreensão do que era a ditadura e como começou a se falar mais abertamente sobre o governo, após o assassinato do jornalista Vladimir Herzog. Relata a presença da polícia no dia a dia do bairro da Vila Nova Cachoeirinha. Reflete sobre o uso do cabelo *black power* e o que isso implicava nas abordagens policiais e no ambiente de trabalho. Conta como começou a adotar a estética do *black power* e a importância desse movimento. Conta como conheceu sua esposa em um baile realizado em uma casa de família. Conta como surgiu a ideia de promover os bailes, a competição entre equipes dos mesmos e as músicas que ele gostava de tocar. Conta a importância da produção musical para fortalecer a afirmação de uma identidade preta. Finaliza a entrevista refletindo sobre a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Praça do Correio, Vale do Anhangabaú, Praça da Luz, Largo do Paisandu, Terminal Rodoviário da Luz, Ginásio do Palmeiras.

Data da entrevista

22 de agosto de 2024



BETH MAISON

Biografia

Beth Maison nasceu em Francisco Sá (MG), em 23 de fevereiro de 1952. Na infância, mudou-se com sua mãe e oito irmãos para a região do ABC Paulista, primeiro em São Bernardo do Campo (SP) e, em seguida, em Diadema (SP). Aos dezesseis anos, depois de ser expulsa de casa, viveu em um terreiro de candomblé no bairro do Ipiranga, em São Paulo (SP), e depois, em Embu-Guaçu (SP). Ao retornar para Diadema, começou a trabalhar em salões de beleza e se reconciliou com sua família. A partir de meados dos anos 1970, frequentou as boates Sucessão, em São Bernardo do Campo, e Medieval, Nostro Mondo, Val Show's, Homo Sapiens e Prohibidu's, em São Paulo. No momento da entrevista, vive em Diadema, onde trabalha como cabeleireira.

Resumo da entrevista

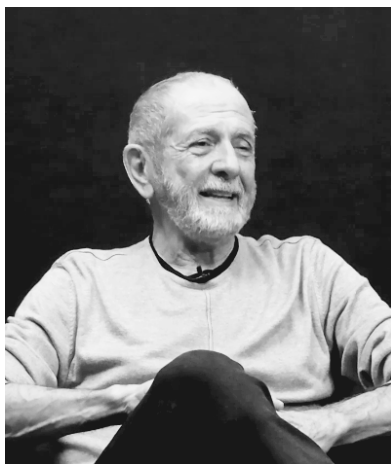
A entrevista inicia seu relato contando sobre a mudança de Francisco Sá (MG) para São Bernardo do Campo e Diadema (SP), após a morte do pai. Conta suas primeiras percepções sobre se sentir diferente até fazer as primeiras amizades com pessoas com quem pôde se identificar. Conta os primeiros episódios de violência que sofreu no bairro em que vivia. Relata sua saída de casa, aos dezesseis anos, para morar em um terreiro de candomblé no bairro do Ipiranga, em São Paulo (SP). Conta alguns episódios de violência policial em São Bernardo do Campo. Relata duas ocasiões em que foi levada para o Juizado de Menores. Conta o dia a dia no terreiro de candomblé e a relação entre o pajubá e a linguagem dos terreiros. Relata o carnaval em São Bernardo do Campo e sua participação em um baile promovido pela Central Única dos Metalúrgicos. Conta como começou a trabalhar como cabeleireira. Relata os lugares que frequentou na noite de São Paulo, como Val Show's, Homo Sapiens, Medieval, Prohibidu's, e o Sucessão, em São Bernardo do Campo. Conta sobre as travestis que vinham da Europa e o que compartilhavam sobre suas vidas lá. Conta alguns episódios que viveu com Cristiane Jordão, Andrea de Mayo e Eliane Thompson. Conta sobre sua prisão, certa noite, após sair da Prohibidu's. Conta sobre as bombadeiras e a popularização do silicone industrial. Conta sobre a participação de travestis nas escolas de samba e no baile Gala Gay, no carnaval. Relata suas primeiras referências à epidemia de HIV/Aids. Conta a importância do DiaTrans, em Diadema, ambulatório de saúde integral da população de travestis e transexuais. Finaliza refletindo sobre a importância de registrar sua história.

Lugares de memória

Sucessão, Medieval, Val Show's, Val Improviso, Homo Sapiens, Prohibidu's, Praça da República, Casa de Apoio Brenda Lee, Nostro Mondo.

Data da entrevista

31 de julho de 2024



CELSO CURI

Biografia

Celso Curi nasceu em São Paulo (SP), em 7 de junho de 1950. Na adolescência, conheceu a Galeria Metrópole, lugar que lhe permitiu acessar o mundo da cultura e das artes. Trabalhou como secretário de Guilherme Araújo, produtor musical e empresário de artistas como Gal Costa, Caetano Veloso, Mutantes e Jorge Ben Jor. Em 1972, após ser buscado no prédio onde vivia, exilou-se em Munique, na Alemanha Ocidental. No ano seguinte, retornou ao Brasil, estabelecendo-se em São Paulo, após receber um convite de trabalho do jornal *Última Hora*. Entre fevereiro de 1976 e novembro de 1978, assinou nesse periódico a Coluna do Meio, voltada para leitores homossexuais. Por causa da coluna, foi processado pelo Ministério Público, acusado de violação à moral e aos bons costumes, mas, em 1979, foi absolvido. Em paralelo, dirigiu espetáculos na boate Medieval e, em 1979, abriu a boate Off, que funcionou até 1992. Desde 1996, é editor do *Guia Off*, um roteiro

de teatro em São Paulo, e atua como crítico e curador teatral.

Resumo da entrevista

O entrevistado inicia a entrevista relatando sua infância em São Paulo (SP). Conta que, logo após o golpe de 1964, sua família mudou-se para Ituporanga (SC). Relata que, ao retornar para São Paulo, com quinze anos, conheceu a Galeria Metrópole, lugar que lhe deu acesso a pessoas da cultura, do jornalismo e das artes de São Paulo, entre elas Guilherme Araújo, de quem se tornou secretário. Conta que, após a promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), começou a compreender com mais clareza o cenário político da ditadura. Em 1972, relata que foi avisado pela zeladora do prédio onde vivia que tinha sido procurado. Exiliou-se, então, em Munique, na Alemanha Ocidental. Relata como era a vida gay na cidade e o clima de liberação sexual. Conta que, após um ano, retornou e ficou em São Paulo depois de receber um convite de trabalho do jornal *Última Hora*. Narra a criação da Coluna do Meio, em 1976, o processo de produção das colunas diárias e sua repercussão. Conta sobre o processo movido contra ele em 1976 pelo Ministério Público, que o acusava de violação à moral e aos bons costumes. Relata o processo de abertura de sua casa noturna, a Off, que funcionou entre 1979 e 1992. Conta a sua relação com o jornal *Lampião da Esquina* e com o Somos: Grupo de Afirmação Homossexual. Conta os efeitos da epidemia de HIV/Aids na vida noturna e na cena cultural de São Paulo. Conclui a entrevista refletindo sobre a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Galeria Metrópole, Copan, Teatro Oficina, Medieval, Hi-fi, Gay Club Odeon, Off.

Data da entrevista

30 de janeiro de 2024



CILMARA BEDAQUE

Biografia

Cilmara Bedaque nasceu em Birigui (SP), em 16 de dezembro de 1955. Estudou jornalismo na Faculdade Armando Álvares Penteado (FAAP) e Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP). Participou de um grupo de teatro juvenil chamado Teatro Orgânico Aldebarã. Iniciou sua carreira como jornalista na TV Bandeirantes, em programas como *Balanço*, *Concerto de Rock* e *Gabi*, com Marília Gabriela. Em 1986, começou a namorar com a cantora e compositora Vange Leonel, o que a levou a militar na causa lésbica. Dois anos depois, abandonou o jornalismo para dedicar-se à carreira musical. Em 1991, a música *Noite Preta*, composta pelas duas, tornou-se um sucesso estrondoso ao ser escolhida como tema de abertura de *Vamp*, novela da TV Globo. Além disso, desenvolveram projetos culturais juntas, como o fanzine *CIO* e as peças teatrais *As sereias de Rive Gauche* (2000) e *Joana Evangelista* (2006).

Resumo da entrevista

A entrevistada inicia o relato contando sobre sua infância em Birigui (SP) e na capital, para onde se mudou aos cinco anos. Reflete sobre as contradições do período ditatorial, pois, apesar do autoritarismo, reconhece que havia uma maior permissividade em relação à sexualidade. Conta que, enquanto estudava jornalismo na FAAP, quase foi levada ao Deops/SP por causa da sua participação em um jornal editado pelos alunos, o *Cão Raivoso*. Conta que viveu com leveza o entendimento de que era lésbica e seus primeiros namoros com mulheres. Conta sobre os espaços de sociabilidade que frequentou nos anos 1970 e 1980, como Ferro's Bar, Canapé e Poesia, Planeta, Cachação, Moustache e Bug House. Reflete sobre sua relação com a memória do Ferro's Bar. Conta sobre o início da carreira como jornalista, na televisão e no rádio. Conta como conheceu Vange Leonel e o início da relação, em 1986. Conta como foi o processo de entendimento de que queriam compor músicas para outras mulheres e quem eram suas inspirações. Conta como foi o processo de gravação, lançamento e repercussão da música *Noite Preta*, tema de abertura da novela *Vamp*, exibida em 1991. Conta como foi a relação do casal com a imprensa. Conta os impactos da epidemia de HIV/Aids no seu entorno de amigos e sobre a sua participação na edição do jornal *Mais Mulheres*, com informações sobre prevenção ao vírus HIV para mulheres. Finaliza a entrevista refletindo sobre a importância de se falar sobre a visibilidade lésbica e contando sua participação na 1ª Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo.

Lugares de memória

Ferro's Bar, Cachação, Moustache, Bug House, Medieval, Teatro da Universidade Católica de São Paulo (Tuca).

Data da entrevista

27 de agosto de 2024



EDSON CORDEIRO

Biografia

Edson Cordeiro nasceu em Santo André (SP), em 9 de fevereiro de 1967. Frequentou a Igreja do Evangelho Quadrangular, onde começou a cantar no coral. Na adolescência, trabalhou com teatro infantil como parte da companhia teatral da Turma da Mônica. Em meados dos anos 1980, teve uma exitosa carreira no teatro participando da ópera rock *Amapola* (1985), da terceira montagem brasileira do musical *Hair* (1988) e da peça *O doente imaginário* (1989). Em 1990, realizou seus primeiros shows solo no Rio de Janeiro (RJ) e em São Paulo (SP). O sucesso de suas apresentações resultou em um contrato com a gravadora Sony. Em 1992, lançou seu primeiro disco, *Edson Cordeiro*. No final dos anos 1990, lançou as coletâneas *Disco Clubbing – Ao Vivo* e *Disco Clubbing 2 – Mestre de Cerimônia*, com regravações de clássicos internacionais da Disco Music. Em 2010, mudou-se para a Alemanha, onde vive até o momento da entrevista.

Resumo da entrevista

O entrevistado inicia a entrevista relatando suas lembranças da infância em Santo André (SP) e na Penha, Zona Leste de São Paulo (SP). Relata suas experiências na Igreja do Evangelho Quadrangular e como começou a cantar no coral. Conta que sofreu bullying em casa, na escola e na igreja por ser considerado uma criança afeminada. Conta sobre sua relação com a música, apesar das restrições impostas por uma família religiosa. Relata experiências que teve com a censura quando começou a trabalhar com teatro, na adolescência. Relata experiências que teve com a polícia na boate Prohibidu's. Relata o início da sua carreira artística no teatro. Conta que não teve a oportunidade de estudar canto ou teatro, mas que o contato com profissionais envolvidos na produção dos musicais que participou ampliou seu repertório cultural, aprendendo sobre canto e interpretação. Relata suas percepções sobre as diferenças entre as casas noturnas de meados dos anos 1980, como Homo Sapiens, Nostro Mondo e Corinto. Conta suas experiências durante os primeiros anos da epidemia de HIV/Aids e o efeito dela no meio teatral. Relata como começou a sua carreira como cantor e suas escolhas artísticas. Conta sobre a percepção do público e da imprensa sobre sua sexualidade. Relata o seu processo de mudança para a Alemanha e o projeto que desenvolveu com seu marido, Oliver Bieber, de restauro e relançamento do filme *Diferente dos outros* (1919). Encerra a entrevista contando qual a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Teatro Bibi Ferreira, Teatro Ruth Escobar, Centro Cultural São Paulo (CCSP), Nostro Mondo, Homo Sapiens, Corinto, Prohibidu's, Madame Satã, Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), Parque do Ibirapuera.

Data da entrevista

13 de março 2024



EDUARDO BARBOSA

Biografia

Eduardo Luiz Barbosa nasceu em Chavantes (SP), em 2 de março de 1961. Na adolescência, começou a viajar para São Paulo (SP), quando frequentava escondido a Praça da República e o Largo do Arouche. Aos dezoito anos, mudou-se para Marília para estudar Teologia em um seminário vinculado à Teologia da Libertação e às Comunidades Eclesiais de Base. Porém, mudou-se para São Paulo antes de concluir a formação eclesial, onde trabalhou inicialmente no Banco Real. Em 1986, tornou-se professor substituto em um colégio estadual em Itaquera. Em 1994, descobriu que vivia com HIV e começou a atuar no Grupo de Incentivo à Vida (GIV). Participou da fundação de distintas redes de atuação na luta contra a epidemia de HIV/Aids. Entre 2004 e 2013, atuou no Departamento de Aids do Governo Federal. Em 2013, começou a atuar no Grupo Pela Vida SP e no Centro de Referência e Defesa da Diversidade Brunna Valin, onde, no momento da entrevista, atua como gerente.

Resumo da entrevista

O entrevistado inicia o relato contando sua infância em Chavantes (SP). Aos quatorze anos, começou a viajar sozinho para São Paulo (SP) para visitar seus avós, quando frequentava escondido a Praça da República e o Largo do Arouche. Conta que, aos dezesseis anos, foi preso por vadiagem durante uma blitz realizada na Avenida Dr. Vieira de Carvalho e levado para o Centro de Comunicação do Departamento Regional de Polícia da Grande São Paulo (Degran). Relata que, aos dezoito anos, mudou-se para Marília para estudar teologia em um seminário vinculado à Teologia da Libertação e às Comunidades Eclesiais de Base, mas largou o seminário para voltar para São Paulo. Relata que, em 1986, tornou-se professor substituto em um colégio estadual em Itaquera. Conta suas lembranças sobre o bairro, sobre a presença da polícia e da violência em seu cotidiano e de seus alunos. Reflete sobre uma autocensura com sua sexualidade até descobrir que vivia com HIV, em 1994. Relata seu processo de aproximação com o Grupo de Incentivo à Vida (GIV), onde atuou entre 1994 e 2004. Conta sobre o convite para trabalhar no Departamento de Aids do Governo Federal, durante o primeiro mandato de Lula, e os desafios vividos neste cargo. Conta como ocorreu o seu ingresso no Grupo Pela Vida SP e no Centro de Referência e Defesa da Diversidade Brunna Valin. Finaliza a entrevista relatando a importância de falar publicamente sobre sua sorologia e refletindo sobre seus trinta anos de atuação na luta contra a epidemia de HIV/Aids.

Lugares de memória

Praça da República, Largo do Arouche, Avenida Dr. Vieira de Carvalho, Boca do Lixo, Praça da Sé, Parque do Ibirapuera, Corinthians, Homo Sapiens, Nostro Mondo, Caneca de Prata.

Data da entrevista

07 de novembro de 2023



EDY STAR

Biografia

Edvaldo Araújo de Souza (Edy Star) nasceu em Juazeiro (BA), em 10 de janeiro de 1938. Iniciou sua carreira artística na adolescência, no programa *Hora da Criança*, da Rádio Sociedade da Bahia. Fez parte da Companhia Baiana de Comédia, que o levou a estabelecer-se, em 1966, em Recife (PE), onde trabalhou na TV Jornal do Comercio e montou o espetáculo *Memória de Dois Cantores*. No final de 1967, retornou a Salvador (BA) para trabalhar como produtor e apresentador da TV Itapoan. Após deixar a emissora, foi contratado da Discos CBS, participando do disco *Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das 10*, com Raul Seixas e Maria Alcina. Em 1974, lançou seu disco de estreia, *Sweet Edy*, pela Som Livre. No ano seguinte, participou da primeira montagem brasileira do espetáculo *Rocky Horror Picture Show*. Na década de 1980, dedicou-se à carreira teatral. Em 1992, mudou-se para Madri, Espanha, onde viveu por dezoito anos. Ao retornar ao Brasil, morou em São Paulo (SP). Edy Star faleceu em 24 de abril de 2025.

Resumo da entrevista

O entrevistado inicia o relato recordando sua infância em Salvador (BA), durante o período do Estado Novo. Relata as primeiras percepções e experiências com sua sexualidade e as práticas de sociabilidade homossexual no início dos anos 1960. Conta o início de sua carreira musical, no programa *Hora da Criança*, da Rádio Sociedade da Bahia. Conta seu ingresso na Companhia Baiana de Comédia e o período em que se dedicou ao teatro em Recife (PE). Relata sua experiência como produtor e apresentador na TV Itapoan, em Salvador, até a sua demissão. Conta como se tornou amigo de Raul Seixas, que o levou para o Rio de Janeiro (RJ), em 1970, para trabalhar como contratado da Discos CBS. Relata como começou a se apresentar na noite carioca, sobretudo na Praça Mauá e no Teatro Rival. Conta sobre suas experiências com a censura e com a polícia. Relata o período em que viveu em São Paulo (SP) e os locais de sociabilidade homossexual que frequentou, como a Galeria Metrópole, a Nostro Mondo e a Medieval. Conta como recebeu o convite para participar do espetáculo *Rocky Horror Picture Show*. Relata uma entrevista na revista *Fatos e Fotos*, em 1975, em que declarou publicamente sua homossexualidade. Conta suas percepções sobre o final da ditadura e a censura. Finaliza a entrevista apresentando o livro *Diário de um invertido* e refletindo sobre a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Praça Castro Alves (Salvador), Pelourinho (Salvador), Teatro Vila Velha (Salvador), Cinelândia (Rio de Janeiro), Praça Mauá (Rio de Janeiro), Teatro Rival (Rio de Janeiro), Praça da República, Largo do Arouche, Nostro Mondo, Medieval.

Data da entrevista

24 de janeiro de 2024



GRETTA STARR

Biografia

Gretta Salgado Silveira (Gretta Starr) nasceu em Santos (SP), em 10 de setembro de 1955. Em 1974, mudou-se para São Paulo (SP) para cursar a faculdade. Após três anos, voltou para Santos, onde trabalhou na boate Pink Panther, iniciando sua carreira na arte transformista. Em 1979, ganhou o título *Miss Universo Gay*. Entre 1985 e 1989, viveu no Japão e apresentou-se em países do Leste Asiático. Ao retornar ao Brasil, estabeleceu-se em São Paulo. Na década de 1990, descobriu que vivia com HIV e, em um espetáculo na boate Blue Space, revelou publicamente sua sorologia. Envolveu-se na organização da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo e na luta em defesa dos direitos de mulheres transexuais e travestis. No momento da entrevista, vive em São Paulo, trabalha como artista transformista, atriz e maquiadora e mantém uma boa relação com sua família.

Resumo da entrevista

A entrevistada começa o relato contando sobre sua infância em Santos (SP), em uma família de certo prestígio social na cidade, devido à atuação profissional de seu pai como farmacêutico. Relata que, durante a infância e a adolescência, não compreendia o que acontecia politicamente no país. Sabia, apenas, que as coisas não estavam bem devido às conversas sobre política que escutava em sua casa. Relata que, aos dezoito anos, fugiu para São Paulo (SP) e para Brasília (DF). Em 1974, mudou-se para São Paulo para fazer faculdade e morar com o padrinho. Relata suas descobertas em São Paulo (SP) nesse momento, como, por exemplo, a boate Medieval. Três anos depois, abandonou a faculdade e voltou para Santos, onde fez carreira na casa noturna Pink Panther. Entre 1985 e 1989, viveu no Japão, apresentando-se em diversos países do Leste Asiático. Ao retornar ao Brasil, estabeleceu-se em São Paulo (SP), apresentando-se em diferentes casas noturnas. Relata o cotidiano dessas casas, as relações entre as artistas e com empregadores. Conta os efeitos da epidemia de HIV/Aids em seu entorno social, lembrando, sobretudo, artistas do transformismo e bailarinos que faleceram. Na década de 1990, descobriu que vivia com HIV, tornando pública sua sorologia durante um show na casa noturna Blue Space. Conta sobre a sua amizade com outras artistas que também vivem com HIV e que foram acolhidas por ela. Finaliza a entrevista refletindo sobre a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Boca do Lixo (Santos), Theatro Municipal, Pink Panther (Santos), Núcleo Bandeirantes (Brasília), New Aquarius (Brasília), Nostro Mondo, Medieval, Corinto, Praça da República, Bar do Jeca, Galeria Metrôpole, Prohibidu's, Love Story, Blue Space.

Data da entrevista

16 de janeiro de 2024



JACQUE CHANEL

Biografia

Jacqueline Chanel nasceu em Belém (PA), em 20 de dezembro de 1964. Dos treze aos dezenove anos, viveu em uma igreja, após ter sido expulsa de casa e entregue por sua mãe a um pastor evangélico. Nos anos 1980, durante a faculdade, trabalhou no projeto Diagnóstico Municipal, desenvolvido pelo Projeto Rondon. Na década de 1990, participou de concursos de beleza voltados para travestis e transexuais. Articulou e fundou o Movimento Homossexual de Belém. Trabalhou em duas empresas multinacionais: a Companhia de Petróleo Ipiranga e Castrol do Brasil. Em 1992, mudou-se para São Paulo (SP). Trabalhou na estatal Telesp até ser demitida por transfobia, quando se tornou dona de um salão de beleza. Durante a pandemia de Covid-19, iniciou a ONG Projeto Sefora's, onde atua até o momento da entrevista, acolhendo e distribuindo refeições gratuitas para pessoas em situação de rua, sobretudo mulheres transexuais e travestis. Articulou e fundou a Igreja Trans ICM-Séforas, primeira no Brasil voltada para pessoas travestis e transexuais.

Resumo da entrevista

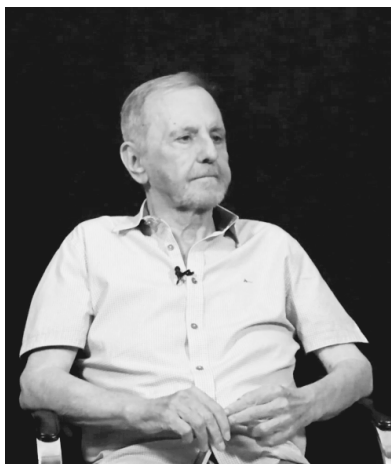
A entrevistada inicia o relato lembrando sua infância em Belém (PA). Conta que, aos 13 anos, foi entregue por sua mãe a um pastor evangélico para que ele terminasse de criá-la. Conta sua experiência em concursos de beleza para travestis e transexuais, quando ela pôde se reconhecer e se contemplar como mulher. Aponta que seu envolvimento com a militância LGBTQ+ foi resultado da violência daquela época. Relata o processo de constituição e atuação do Movimento Homossexual de Belém, durante o avanço da epidemia de HIV/Aids. Menciona as articulações desenvolvidas com a Secretaria de Saúde e o Movimento de Emaús, e sua atuação em ações de prevenção e de educação entre pares em boates de Belém. Conta como tomou a decisão de mudar-se de Belém para São Paulo (SP), em 1992. Ao chegar em São Paulo, foi aprovada em um concurso na Telesp, até ser dispensada por transfobia. Relata que escolheu vivenciar as ruas, onde presenciou casos de violência policial contra mulheres transexuais e travestis. Após a demissão na Telesp, tornou-se dona de um salão de beleza, que encerrou suas atividades durante a pandemia. Conta que iniciou, então, a ONG Projeto Sefora's, dedicada ao acolhimento de pessoas em situação de rua, sobretudo mulheres transexuais e travestis. Finaliza a entrevista contando seu envolvimento na realização da Caminhada do Orgulho Trans de São Paulo, destacando a importância do evento em defesa dos direitos de pessoas transexuais.

Lugares de memória

Praça da Sé, Conjunto Arquitetônico de Nazaré (Belém), Praça da República (Belém).

Data da entrevista

08 de agosto de 2023



JOSÉ VICTORINO

Biografia

José Victorino nasceu em São Paulo (SP), em 12 de agosto de 1952. No início da vida adulta, buscou ajuda profissional para “curar” a homossexualidade. Porém, foi levado por um psiquiatra à boate Nostro Mondo, para que compreendesse que não havia problema com ele. Durante a ditadura, dedicou-se a diversas atividades econômicas: trabalhou em um banco, foi pesquisador de opinião pública, leitor de hidrômetro da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) e sócio de uma imobiliária. Em 1978, abriu a boate Boys and Boys, casa noturna que teve um funcionamento breve. No início dos anos 1990, tornou-se gerente da sauna Termas Fragata. Afastou-se desse trabalho para abrir a boate Blue Space, em 1996. Dois anos depois, abriu a boate For Boys. No momento da entrevista, atua como dono da Blue Space.

Resumo da entrevista

O entrevistado inicia seu relato contando sobre a infância no bairro Santa Teresinha, Zona Norte de São Paulo (SP). Conta que buscou ajuda profissional para “curar” a sua homossexualidade, mas que foi levado por um psiquiatra à boate Nostro Mondo. Conta como começou a entender o que acontecia na ditadura, sobretudo a partir do seu contato com os sermões de Dom Paulo Evaristo Arns e a leitura do livro *Brasil: Nunca Mais*. Relata um episódio com a polícia ao sair da boate Homo Sapiens. Conta sobre alguns espaços de sociabilidade que frequentava: Nostro Mondo, Medieval, Homo Sapiens, Val Improviso, os bares 266 e De Você, e outros localizados na Rua Marquês de Itu e na Avenida Dr. Vieira de Carvalho. Conta quais eram suas atividades econômicas durante a ditadura. Relata como decidiu abrir a boate Boys and Boys, em 1978, a burocracia para abertura de uma casa noturna naquele momento e como era o seu funcionamento. Conta suas primeiras referências sobre a epidemia de HIV/Aids e os shows beneficentes promovidos na Blue Space. Conta como se tornou gerente da Termas Fragata e como era a dinâmica da sauna. Relata como foi o processo de abertura da Blue Space, em 1996, os eventos promovidos na casa, as artistas contratadas e as mudanças sofridas pelo espaço desde então. Finaliza a entrevista refletindo sobre a importância de existir um espaço como a Blue Space que continua promovendo a arte transformista em São Paulo.

Lugares de memória

Praça da Sé, Largo São Bento, Nostro Mondo, Homo Sapiens, Avenida Dr. Vieira de Carvalho, Galeria Metrôpole, Vale do Anhangabaú, Val Improviso, Casa de Apoio Brenda Lee, Teatro Sérgio Cardoso, Blue Space.

Data da entrevista

17 de maio de 2024



KELLY CUNHA

Biografia

Kelly Cunha nasceu em São Paulo (SP), em 5 de dezembro de 1946. Na adolescência, tornou-se cabeleireira, sendo contratada em 1965, pelo salão Taluhama. Em 1967, iniciou sua carreira na arte do transformismo na boate Top Room, que posteriormente se tornaria Nostro Mondo. Em 1968, venceu seu primeiro concurso de beleza, tornando-se *Miss Boneca Paulista*, seguido de cerca de trinta vitórias em concursos do tipo. Em 1970, fez parte do elenco do espetáculo *Les Girls*, no Teatro das Nações. Dois anos depois, participou da peça *Nossa banda é um barato*, com Antônio Fagundes e Darlene Glória. Em 1981, deixou os palcos, dedicando-se apenas ao ofício de cabeleireira. Entre seus clientes, estavam personalidades do entretenimento, como Ronnie Von e Rogéria. Trabalhou ainda como atriz em filmes de pornochanchada, como *A Super Fêmea* (1973), *As Delícias da Vida* (1974) e *A Noite dos Bacanais* (1981).

Resumo da entrevista

A entrevistada inicia seu relato contando sobre a infância em São Paulo (SP). Nesse período, começou a cortar cabelos na vizinhança, profissionalizando-se na escola de cabeleireiros do Instituto Uana, na Lapa. Em 1965, foi contratada pelo salão Taluhama, que funcionava na Rua Augusta, o que propiciou certa ascensão social. Relata a relação próxima com sua mãe, que viveu com Kelly até seu falecimento, e com um de seus sobrinhos, criado por ela. Conta que, em 1967, estreou profissionalmente como artista transformista na boate Top Run, que posteriormente mudaria de nome para Nostro Mondo. Três anos depois, foi convidada para compor o elenco do espetáculo *Les Girls*, em temporada no Teatro das Nações, em São Paulo. Conta como fazia para conciliar o trabalho no salão com sua carreira artística. Relata que 1970 foi um ano terrível de repressão às travestis, recordando sua prisão e passagem pelo Deops/SP, na véspera da final da Copa do Mundo daquele ano. Aponta que sua experiência foi diferente da vivida por travestis que se prostituíam na rua, sobretudo na década de 1980. Narra sua trajetória nos concursos de beleza, desde a primeira vitória no *Miss Boneca Paulista*, em 1968. Relata os lugares que frequentava na noite de São Paulo para se divertir, como Porão Nove, Entendido's, K-7 e Top Room. Conta sobre os efeitos da epidemia de HIV/Aids no seu entorno profissional, a perda de pessoas amigas e o clima de preconceito e desinformação que imperava nos primeiros anos. Finaliza a entrevista refletindo sobre a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Copan, Medieval, Nostro Mondo, Teatro das Nações, Casa de Apoio Brenda Lee, Ferro's Bar, Corinthians, Deops/SP.

Data da entrevista

07 de agosto de 2023



LAURA FINOCCHIARO

Biografia

Laura Finocchiaro nasceu em Porto Alegre (RS), em 7 de abril de 1962. Na infância, começou a estudar música acompanhada de sua irmã mais velha, Lory F. Na adolescência, formaram a primeira banda, Pau e Pedra Musical Clube. Começou a cantar suas próprias composições e a fazer shows no bar da Vanda, frequentado por lésbicas. Mudou-se para São Paulo (SP) após vencer o *Festival Boca no Trombone*, promovido em 1983 pelo Teatro Lira Paulistana. No início dos anos 1990, tornou-se conhecida nacionalmente após uma parceria com Cazuzza na música *Tudo é amor*, e por sua participação no Rock in Rio II, abrindo os shows de Prince e Santana. Em paralelo, produziu trilhas sonoras para publicidade, curta-metragens e desfiles de moda. Na década de 1990 e no início dos anos 2000, compôs e produziu trilhas sonoras para programas de televisão como *TV Colosso* (Rede Globo) e *Casa dos Artistas* (SBT). Cantou nas sete primeiras edições da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo. Lançou, de maneira independente, 21 álbuns ao longo da carreira. No momento da entrevista, trabalha como produtora cultural, compositora e cantora.

Resumo da entrevista

A entrevistada inicia o relato contando sua infância em Porto Alegre (RS). Relata a importância de sua irmã Lory F. em sua formação musical. Comenta os incômodos com a maneira como a ditadura era vivida em seu ambiente familiar. Descreve a cena musical de Porto Alegre no início dos anos 1980. Relata o início da sua carreira musical, as apresentações no bar da Vanda, frequentado por lésbicas, e o convite para ser vocalista da banda O Beco. Relata a sua participação, em 1982, no 1º Festival Nacional de Mulheres nas Artes, promovido por Ruth Escobar, em São Paulo (SP). No ano seguinte, decidiu ficar em São Paulo após vencer o Festival Boca no Trombone, promovido pelo Teatro Lira Paulistana. Relata a repercussão midiática decorrente da sua participação no festival e no programa *Fábrica do Som*, da TV Cultura. Conta como começou a trabalhar com composição e produção de trilhas sonoras para programas de televisão, publicidade, curta-metragens e desfiles de moda. Conta o processo de adoecimento de Lory F. por decorrência do vírus HIV, em 1993. Conta sobre sua participação nas primeiras edições da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo. Reflete sobre sua trajetória como cantora e compositora lésbica e da cena independente. Finaliza a entrevista apresentando as canções *A gata da rua*, sua primeira composição autoral, de 1981, e *Hino da Diversidade*, canção que ela lançou em 2001 para a Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo.

Lugares de memória

Teatro Lira Paulistana, Praça Benedito Calixto, Madame Satã, Praça da Sé.

Data da entrevista

14 de novembro de 2023



LILI VARGAS

Biografia

Lili Vargas nasceu em Limeira (SP), em 1951, mas passou a infância em Jundiaí (SP). Em 1964, mudou-se para São Paulo (SP). Desde a adolescência, frequentou a vida noturna no centro de São Paulo. Assistiu a mudança nos espaços destinados a homossexuais, inicialmente apenas bares, até o surgimento das primeiras boates. Nos anos 1970, frequentou a Nostro Mondo e a Medieval. Em 1975, morou no Rio de Janeiro (RJ), no apartamento de um dos diretores da gravadora Phonogram, onde conviveu com artistas como Gal Costa e Ney Matogrosso. Migrou para Paris, França, em 1979, e lá trabalhou com prostituição. Em seguida, mudou-se para Viareggio, na província de Lucca, na Itália, onde conheceu seu atual companheiro. Retornou ao Brasil em 1983, quando seu pai adoeceu, estabelecendo-se em São Paulo com seu companheiro italiano. Atualmente, é militante social e diretora da ONG Banda do Fuxico.

Resumo da entrevista

A entrevistada inicia seu relato recordando a infância e a adolescência em Limeira (SP), Jundiaí (SP) e São Paulo (SP). Conta como fez as primeiras amizades no Ipiranga, entre elas com Kaká di Polly, que a levou para conhecer o centro de São Paulo. Relata como eram as batidas policiais que ocorriam no centro de São Paulo. Conta que foi detida em algumas ocasiões, sendo levada para o 4º Distrito Policial (Consolação) e para o Deops/SP. Conta que, no início, frequentava barzinhos entre a República e o Largo do Arouche. Relata o surgimento das primeiras boates para homossexuais, como De Você, Hi-Fi, Nostro Mondo e Medieval. Reflete sobre a importância da amizade para as mulheres transexuais e travestis encararem o preconceito e a violência na época. Conta que migrou para a França, onde trabalhou com prostituição, e, em seguida, para a Itália. Conta que retornou ao Brasil para cuidar do pai e, em seguida, seu companheiro italiano se juntou a ela. Conta que, na década de 1990, se mudaram para o bairro da Bela Vista e fala sobre as transformações do bairro nos últimos trinta anos. Conta suas lembranças do golpe, do início da ditadura e as recomendações que seu pai fazia para que ela se protegesse. Conta o preconceito vivido no início da epidemia de HIV/Aids, suas lembranças de Brenda Lee e da sua casa de apoio. Relata quando se entendeu como uma ativista social da causa LGBTQ+. Finaliza a entrevista refletindo sobre a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Museu do Ipiranga, Galeria Metrópole, Cine Ipiranga, Largo do Arouche, Nostro Mondo, Medieval, Corinto, Proibidú's, Val Improviso, Hospital Emílio Ribas, Casa de Apoio Brenda Lee, 4º Distrito Policial (Consolação), Deops/SP, Parque do Ibirapuera.

Data da entrevista

11 de abril de 2024



MARCINHA DO CORINTHO

Biografia

Marcinha do Corinthians nasceu em Belo Horizonte (MG), em 3 de setembro de 1967. Ainda na infância, mudou para São Paulo (SP) para morar com sua avó, que a criou. Na adolescência, começou a trabalhar na boate Nostro Mondo, pertencente à Condessa Mônica. Aos dezesseis anos, viajou para Madri, Espanha, onde ficou por aproximadamente quarenta dias, pois acabou sendo deportada para o Brasil. Ao retornar para São Paulo, tornou-se uma das principais estrelas da boate Corinthians. Além disso, ficou conhecida nacionalmente por suas participações nos desfiles de escola de samba do Rio de Janeiro (RJ) e nos programas do Bolinha e de Sílvio Santos. Em 1988, migrou para Milão, Itália, onde viveu por cerca de trinta anos. No momento da entrevista, vive em São Paulo e continua trabalhando como artista transformista.

Resumo da entrevista

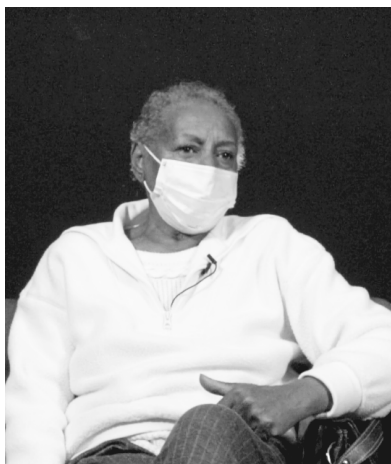
A entrevistada inicia seu testemunho lembrando a infância difícil em Minas Gerais, o falecimento precoce da mãe e sua vinda para São Paulo (SP) para morar com a avó. Conta como começou a apresentar-se nas boates de São Paulo. Relata que, aos dezesseis anos, convenceu a avó a assinar a autorização para sua emancipação para que pudesse migrar para Madri, Espanha. Conta que lá trabalhou com prostituição, até ser presa e deportada para o Brasil. Relata a repressão policial contra as travestis em São Paulo e as estratégias desenvolvidas para não serem presas por vadiagem. Conta que se tornou uma das estrelas da boate Corinthians, sua relação com a dona da casa noturna, Elisa Mascaró, e como era a rotina de shows. Relata que, em 1988, migrou para Milão, Itália, onde fez espetáculos e prostituição de luxo. Conta como se deu seu retorno definitivo a São Paulo, depois de trinta anos morando fora. Relata como descobriu que vivia com HIV e o preconceito que enfrentou. Conta sobre o apoio da amiga Gretta Starr para sua adesão ao tratamento e o retorno aos estudos. Finaliza a entrevista refletindo sobre a situação socioeconômica do Brasil atual, a miséria e a violência no centro de São Paulo, razões pelas quais ela mantém o desejo de voltar à Europa.

Lugares de memória

Nostro Mondo, Val Improviso, Val Show, Corinthians, Largo do Arouche, Love Story, Madame Arthur (Paris), Teatro Scala (Rio de Janeiro).

Data da entrevista

21 de julho de 2022



MARIA APARECIDA DOS SANTOS (IYÁ CIDA DE OYÁ)

Biografia

Iyá Cida de Oyá (Maria Aparecida dos Santos) nasceu em São Paulo (SP), em 1951. Na infância, mudou-se para um conjunto de casas de funcionários da empresa Light na Cidade Dutra, Zona Sul da capital. Cresceu em uma família de sete irmãos, filhos de uma empregada doméstica – liderança comunitária na Cidade Dutra, que ajudava, sobretudo, mulheres do bairro –, e de um policial civil que, por não ter posições ortodoxas, era constantemente vigiado durante a ditadura. Nesse contexto da ditadura, sua casa foi um espaço seguro para práticas religiosas do candomblé. Casou-se aos dezenove anos e teve cinco filhos. Nos anos 1970, participou do Movimento Negro Unificado (MNU). No início dos anos 1980, se envolveu nos movimentos de alfabetização de adultos, nas Diretas Já e com movimentos de base do Partido dos Trabalhadores (PT). Participou da formação do Ilê Asé Oyá Eledá Ori, terreiro localizado na zona sul de São Paulo, do qual, no momento da entrevista, é líder religiosa.

Resumo da entrevista

A entrevistada inicia relatando a infância e a adolescência na Cidade Dutra, Zona Sul de São Paulo (SP). Conta que não se sentia pertencente à escola de freiras onde estudava como bolsista, por sua cor e religião, vivenciando situações de discriminação. Relata que o pai era policial civil, mas não tinha posições ortodoxas, o que fez com que sua casa fosse vigiada durante a ditadura. Conta sobre seu envolvimento nas Diretas Já e as reuniões das quais participou na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e na Igreja do Largo da Santa Cecília. Conta sobre o envolvimento no movimento de alfabetização de adultos. Relata as estratégias para participar das mobilizações com seus filhos, então crianças. Conta que a mãe era “conhecedora de ervas” e reflete sobre o caráter subversivo das práticas dela para ajudar as pessoas, sobretudo mulheres do bairro. Conta que sua casa era um espaço aberto para práticas do candomblé. Relata o que a vizinhança dizia sobre a vigilância à sua casa. Conta como se deu a sua aproximação com o candomblé e a relação da família com a religião. Relata a formação do terreiro Ilê Asé Oyá Eledá Ori, do qual é líder religiosa, e sua relação com o território em que está localizado. Reflete sobre os processos de invisibilização de pessoas negras durante a ditadura. Conta sobre os papéis de gênero nas religiões de matriz africana e a importância das mulheres como referências religiosas. Conta sobre a participação no Movimento Negro Unificado (MNU). Conta sobre o seu envolvimento com o Partido dos Trabalhadores (PT). Relata como eram as reuniões políticas realizadas em igrejas do centro de São Paulo durante a ditadura. Reflete sobre o mito da democracia racial sustentado pela ditadura. Finaliza a entrevista discutindo as memórias da ditadura e a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Igreja do Largo da Santa Cecília, Largo 13 de Maio.

Data da entrevista

24 de agosto de 2022



MARIA CRISTINA CALIXTO

Biografia

Maria Cristina Calixto nasceu em São José do Rio Preto (SP), em 20 de novembro de 1958. Na infância, mudou-se para a capital com a mãe e duas irmãs. Na adolescência, enfrentou conflitos por não se enquadrar em uma performance de gênero feminino esperada. No final dos anos 1970 e início dos 1980, frequentou a Medieval e espaços de sociabilidade lésbica, como Dinossauros, Moustache, Cachação e Ferro's Bar. Nesse período, envolveu-se com a militância feminista, participando do 1º e 2º Congresso da Mulher Paulista. Também integrou reuniões do Somos: Grupo de Afirmação Homossexual, junto de Marisa Fernandes, Miriam Martinho e Maria Teresa Aarão. Em 1979, fundaram o Grupo de Ação Lésbico Feminista (GALF), onde Cristina criou o LF Artes, voltado à produção artística. Foi fotógrafa do *Lampião da Esquina*, registrando eventos do movimento feminista e do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB). Em 1985, afastou-se do ativismo após o III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, em Bertioga (SP). Nos anos 1990, viveu nessa cidade, retornando à capital em 2000. Cristina Calixto faleceu em dezembro de 2024

Resumo da entrevista

A entrevistada começa relatando lembranças da infância em São José do Rio Preto (SP). Descreve a mudança para São Paulo (SP), onde morou no Copan com a mãe e duas irmãs, e o cotidiano nesse espaço. Comenta as mudanças urbanas na capital nos anos 1970, especialmente a construção da Praça Roosevelt. Fala sobre a discriminação sofrida pela mãe, desquitada nos anos 1960 e 1970, sua vida profissional e envolvimento com política e a cena artística. Relata a perseguição sofrida na escola por não corresponder à performance de gênero esperada e os desafios da mãe em lidar com seu comportamento na adolescência. Narra suas referências de mulheridade, homossexualidade e lesbianidade, e os termos usados nos anos 1970 para lésbicas. Conta sobre a repressão a feministas em eventos como o 2º Congresso da Mulher Paulista (PUC-SP, 1980) e os debates sobre direitos de minorias. Descreve a presença policial em espaços lésbicos e sua prisão no Departamento Estadual de Investigações Criminais de São Paulo (DEIC-SP). Cita os locais que frequentava, como Dinossauros, Moustache, Cachação e Ferro's Bar, e as diferenças entre eles. Narra um treino de basquete no prédio Deops/SP. Participou de reuniões do Somos, que resultaram na criação do GALF com Marisa Fernandes, Miriam Martinho e Maria Teresa Aarão. Fala sobre a militância, a imprensa, a fotografia, o *Lampião da Esquina* e a casa Medieval. Relata repressão policial, machismo na esquerda, referências à epidemia de HIV/Aids e mulheres soropositivas. Na década de 1990, mudou-se para Bertioga (SP), retornando a São Paulo em 2000. Finaliza destacando a importância de contar sua história e memórias.

Lugares de memória

Parque da Água Branca, Praça Roosevelt, Copan, Praça Benedito Calixto, Theatro Municipal, PUC, Largo do Arouche, Medieval, Moustache, Ferro's Bar.

Data da entrevista

08 de fevereiro de 2024



MARIO MENDES

Biografia

Mario Mendes Ribeiro Filho nasceu em São Paulo (SP), em 20 de março de 1959. Ainda na infância, mudou-se para Guarulhos (SP) com sua família. Em 1978, ingressou no curso de Jornalismo da Universidade de São Paulo (USP). Nesse mesmo ano, ingressou na redação da revista *Interview*, onde conheceu Vânia Toledo, com quem trabalhou também na revista *Especial*, em 1980. Nesse período, começou a frequentar espaços de sociabilidade homossexuais, como as boates Medieval, Val Improviso e Homo Sapiens, os bares da Rua Marquês de Itu e da Avenida Dr. Vieira de Carvalho e as saunas. Trabalhou como jornalista em diversos veículos de imprensa: *Folha de S. Paulo*, *ISTOÉ*, *Elle*, revista *Daslu*, *Trip*, *TPM*, revista *Gol*, *Veja*, *Forbes*, *ForbesLive Fashion*, *Brazil Journal* e *Carta do Líbano*.

Resumo da entrevista

O entrevistado inicia seu relato contando sobre a infância nos bairros do Bom Retiro e Pompéia, em São Paulo (SP), e em Guarulhos (SP). Conta suas percepções das mudanças na cidade de São Paulo, sobretudo a partir da construção do Minhocão. Conta o envolvimento de seu pai com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Conta as conversas em sua casa sobre a ditadura e a presença da polícia em seu dia a dia. Conta sobre a possibilidade de assistir a filmes que foram censurados durante a ditadura no processo de abertura política e os espaços que os exibiam em São Paulo. Reflete sobre suas percepções relacionadas a episódios de preconceito racial durante a ditadura. Em 1978, ingressou no curso de Jornalismo da Universidade de São Paulo (USP). Relata como era o clima político na universidade no final dos anos 1970. Conta que, ao ingressar na redação da revista *Interview*, começou a frequentar espaços de sociabilidade para homossexuais, como as boates Medieval, Val Improviso e Homo Sapiens. Descreve como eram esses espaços e as práticas de sociabilidade dos homens gays no centro de São Paulo. Conta sobre as batidas policiais ocorridas no Largo do Arouche, nos anos 1980. Conta as primeiras notícias que chegaram na redação da *Interview* sobre o início da epidemia de HIV/Aids em Nova Iorque, Estados Unidos. Relata os efeitos da epidemia na maneira como vivia a sexualidade e o acompanhamento de amigos que adoeceram devido ao vírus HIV. Reflete sobre o papel da imprensa na maneira como a epidemia de HIV/Aids foi divulgada. Finaliza contando sobre a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Praça Roosevelt, Medieval, Homo Sapiens, Val Improviso, Love Story, Largo do Arouche, Praça da República, Caneca de Prata, Termas For Friends, Off, Ferro's Bar, Madame Satã, Teatro da Universidade Católica de São Paulo (Tuca).

Data da entrevista

18 de abril de 2024



MIRIAM DA SILVA

Biografia

Miriam da Silva nasceu em 10 de julho de 1961, em Beberibe (CE). Em 1976, mudou-se para Fortaleza (CE) para morar com suas tias. Quatro anos depois, sua mãe a trouxe para São Paulo (SP). Por causa da prostituição, foi detida diversas vezes em operações policiais, acusada de crime de vadiagem. Em 1987, durante uma viagem ao Rio de Janeiro (RJ), Isabelita dos Patins lhe deu o nome "Miriam". Foi frequentadora da boate Prohibidu's. Participou da 1ª Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, em 1997. Atuou na luta contra a epidemia de HIV/Aids, colaborando com instituições como o Gapa-SP, Grupo Pela Vidda-SP e a Associação Correndo Atrás. No momento da entrevista, trabalha como agente de prevenção e conscientização sobre HIV/Aids.

Resumo da entrevista

A entrevistada inicia seu relato dizendo que nunca teve recordações boas da infância, devido às experiências de violência sofridas por parte de familiares no Ceará. Em 1980, sua mãe a trouxe para viver em São Paulo (SP). Conta que, em 1982, começou a se prostituir próximo ao Hipódromo da Cidade Jardim. Relata quando começou a frequentar a boate Prohibidu's. Relata que foi expulsa de casa por sua mãe, pois seu padrasto não a aceitava. Anos depois, contudo, reaproximou-se quando juntou dinheiro para comprar um imóvel para ela e seus irmãos, em Osasco (SP). Relata como Isabelita dos Patins, no carnaval do Rio de Janeiro (RJ), em 1987, lhe deu o nome Miriam. Conta que Roberta Close e Rogéria foram suas duas referências sobre o que era ser uma travesti, mas analisa as diferenças entre suas experiências e as delas. Relata o processo de transição de gênero e as mudanças no seu corpo resultantes do uso de hormônios. Conta sobre os desafios enfrentados na vida afetiva e em situações de violência nas ruas. Relata alguns episódios de violência com a polícia de São Paulo e como era o processo de assinar o termo de delito de "vadiagem" na delegacia. Descreve como era a região da Luz e da Boca do Lixo no início dos anos 1980, especificamente os arredores do prédio do Deops/SP. Conta sobre a difusão da aplicação do silicone industrial entre as travestis de São Paulo. Reflete sobre a importância de ter mulheres transsexuais e travestis em cargos de gestão pública. Finaliza a entrevista contando sobre o que significa para ela ser uma sobrevivente.

Lugares de memória

Copan, Prohibidu's, Nostro Mondo, Corinthians, Cinelândia (Rio de Janeiro), Praça da Sé, Boca do Lixo.

Data da entrevista

30 de novembro 2023



NEON CUNHA

Biografia

Neon Cunha nasceu em Belo Horizonte (MG), em 24 de janeiro de 1970. Na infância, seus pais migraram para São Bernardo do Campo (SP), em busca de melhores oportunidades de trabalho. Desde criança, Neon se entendeu como mulher, encontrando no candomblé caminhos para construir o seu entendimento sobre gênero. Aos onze anos, conciliou os estudos com o trabalho no programa Círculo de Amigos dos Amigos Patrulheiros (CAMP). Após um episódio de violência, foi encaminhada para trabalhar na prefeitura de São Bernardo do Campo, tornando-se funcionária efetivada seis anos depois. Em 1985, ingressou em uma escola de publicidade e propaganda. Nessa época, começou a frequentar a noite do centro de São Paulo e desenvolveu relações de amizade com travestis e mulheres transexuais. Em paralelo ao seu trabalho na prefeitura de São Bernardo, dedicou-se à moda e à publicidade. No momento da entrevista, é diretora de arte, funcionária pública, ativista independente e matrona da Casa Neon Cunha, espaço de acolhimento para pessoas LGBTQ+ em situação de vulnerabilidade social, localizada em São Bernardo do Campo.

Resumo da entrevista

A entrevistada inicia contando sua origem familiar e a migração para a região do ABC Paulista. Conta sobre a presença do candomblé desde a infância e a importância de religiões de matriz africana para o seu entendimento de gênero e o apoio da mãe nesse processo. Conta experiências de violência na escola e em casa, que a fizeram compreender o que eram o machismo e o racismo. Relata sobre sua experiência no Círculo de Amigos dos Meninos Patrulheiros (CAMP) e como conciliava os estudos com o trabalho ao ingressar no CAMP e uma tentativa de estupro que sofreu, a qual resultou em sua demissão e transferência para a prefeitura de São Bernardo do Campo (SP). Relata as primeiras experiências no centro de São Paulo (SP). Fala sobre as dificuldades para estudar publicidade e propaganda em um colégio particular no contexto econômico do final da ditadura. Conta os locais que frequentou em São Paulo e aqueles em que era barrada por ser travesti, os aprendizados adquiridos na rua sobre travestilidade e as amigas travestis que fez na noite de São Paulo, suas condições de vida e moradia. Relata os efeitos da epidemia de HIV/Aids e da disseminação da cocaína entre as travestis. Diferencia a Boca do Lixo da Boca do Luxo. Conta algumas experiências com batidas policiais e como era protegida pelas travestis mais velhas. Expõe suas percepções sobre as distinções entre pessoas brancas e negras nos espaços de sociabilidade. Reflete sobre a possibilidade de documentarmos vidas não registradas e que desapareceram como resultado da transfobia e da violência policial, como de amigas travestis que fez nas ruas de São Paulo. Finaliza a entrevista contando sobre a importância de registrar as próprias memórias e experiências no período da ditadura.

Lugares de memória

Paço Municipal (São Bernardo do Campo), Largo do Arouche, Val Show, Val Improviso, Nostro Mondo, Medieval, Corinθο, Boca do Lixo, Homo Sapiens, Pateo do Collegio, Praça Rotary, Prohibidu's.

Data da entrevista

27 de julho de 2022



PALOMA PRATES (PALOMA SHOCK)

Paloma Prates (Paloma Shock) nasceu em Cruz Alta (RS), em 18 de setembro de 1966. Aos dez anos, mudou-se para Porto Alegre (RS). Na adolescência, começou a apresentar-se na noite da capital gaúcha. No início dos anos 1980, mudou-se para São Paulo (SP), onde foi morar em uma casa de cafetinagem administrada por Caetana/Brenda Lee. Trabalhou com prostituição na Praça da República e na Rua Augusta. Em paralelo, iniciou sua carreira como modelo fotográfica. Mudou-se para a Europa, estabelecendo-se em Milão, Itália, onde trabalhou como prostituta. Realizou em Londres, Inglaterra, sua cirurgia de redesignação de gênero. Ao retornar a Milão, casou-se e começou a trabalhar como modelo, desfilando para marcas como Issey Miyake, Moschino, Paco Rabanne e Versace, e participando de editoriais para revistas de moda, como a *Vogue* francesa. No momento da entrevista, vive entre São Paulo e Milão e trabalha como hostess de festas e manequim.

Resumo da entrevista

A entrevistada inicia seu relato contando sobre a infância e adolescência em Cruz Alta (RS) e Porto Alegre (RS), para onde se mudou com sua família aos dez anos. Conta suas primeiras experiências e percepções sobre seu gênero e sexualidade na adolescência. Relata a convivência com outras travestis mais velhas na noite de Porto Alegre, e sua experiência apresentando-se em boates. Conta que a mãe procurou aconselhar-se com Chico Xavier sobre a sua identidade de gênero. Relata como se deu a mudança para São Paulo (SP), onde foi morar em uma casa de cafetinagem administrada por Brenda Lee, então conhecida como Caetana. Conta como era a rotina da casa, o trabalho com prostituição e a presença da polícia em seu cotidiano. Conta sobre a diferença entre os territórios de prostituição. Conta sobre um episódio marcante em que a polícia fechou algumas ruas do centro de São Paulo para prender prostitutas e travestis. Relata sobre os lugares que frequentava para se divertir, como Nostro Mondo, Homo Sapiens, Val Show e Val Improviso. Conta como iniciou sua carreira como modelo. Reflete sobre o impacto da presença midiática de Roberta Close no seu cotidiano. Conta como se deu sua mudança para a Europa e como se estabeleceu em Milão, Itália. Reflete sobre as diferenças das experiências de travestis na Espanha, na Itália e na França. Conta como conheceu seu primeiro marido. Conta sobre sua cirurgia de redesignação de gênero, realizada em Londres, Inglaterra, e como foi o seu pós-operatório. Conta como vivenciou o início da epidemia de HIV/Aids na Europa. Reflete sobre a mudança de tratamento que começou a receber de outras travestis após a sua operação. Conta como retomou sua carreira de modelo na Itália. Finaliza a entrevista refletindo sobre a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Praça Rotary, Nostro Mondo, Homo Sapiens, Val Show e Casa de Apoio Brenda Lee.

Data da entrevista

28 de maio de 2024



PEDRO LUIZ MACENA (KARAI YAPUA)

Biografia

Pedro Luiz Macena (Karai Yapua) é guarani e nasceu na Argentina, na aldeia Ubupicuá, em 1965. Seu pai trabalhava na abertura de estradas, o que levou a família a migrar para o Paraguai e, posteriormente, para o Brasil. No Paraná, moraram na aldeia Rio das Cobras, localizada nos municípios de Nova Laranjeiras e Espigão Alto do Iguaçu que, no contexto da ditadura, era administrada pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Chegou a São Paulo (SP) em 1972, depois que ele e seus pais conseguiram fugir da aldeia. Estabeleceram-se, então, em Parelheiros, onde já viviam parentes guarani. Em 1984, envolveu-se nas mobilizações pelas Diretas Já. Desde então, é ativista na luta pelos direitos indígenas. Em 2000, mudou-se para a aldeia Jaraguá, engajando-se na luta pelo reconhecimento da aldeia e tornando-se *xeramõi*, líder espiritual. Participou de uma mobilização pela preservação e revitalização de lagos do Pico do Jaraguá. No momento da entrevista, atua como palestrante sobre a questão da espiritualidade e da cosmologia guarani.

Resumo da entrevista

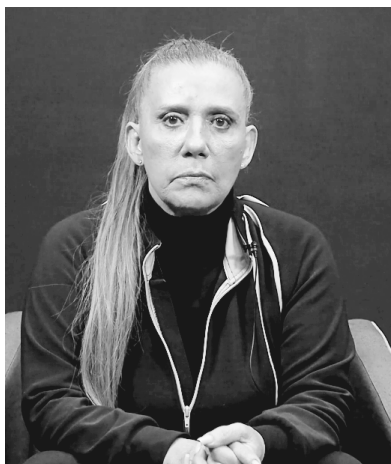
O entrevistado inicia relatando que, na infância, sua família migrou da aldeia Ubupicuá, na Argentina, para o Paraguai e, depois, para o Brasil, porque o pai trabalhava abrindo estradas. Conta que se estabeleceram na aldeia Rio das Cobras, então administrada pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Fala sobre o dia a dia na aldeia, o treinamento de jovens para vigiar a aldeia, as violências praticadas pelos militares, a convivência entre as etnias guarani e kaingang e a importância da espiritualidade. Conta como seus pais fugiram da aldeia e vieram para São Paulo (SP), na década de 1970. Descreve a sensação de liberdade que viveu na cidade, em comparação com a aldeia Rio das Cobras. Reflete sobre o que significou a ditadura para ele e a importância de o governo brasileiro ter reconhecido as violações aos direitos humanos cometidas contra pessoas indígenas durante esse período. Relata seu envolvimento na luta por direitos, durante as mobilizações pelas Diretas Já, em 1984. Conta sobre o processo de organização política das aldeias indígenas, a partir da Constituição de 1988. Conta sobre os debates em torno do processo da Constituinte, sobretudo a questão da demarcação das terras indígenas. Reflete porque a questão fundiária ainda é importante na luta indígena. Reflete sobre a relação que a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) estabeleceu com os povos indígenas. Relata o processo histórico de formação da aldeia do Jaraguá. Conta os impactos do avanço da cidade e sua crescente proximidade com a aldeia. Conta sobre o seu papel como *xeramõi*, líder espiritual da aldeia, e seu diálogo com as gerações mais jovens. Conta sobre o trabalho que desenvolveu voltado à preservação e revitalização de lagos no Pico do Jaraguá. Finaliza a entrevista refletindo sobre a importância de levar a questão da cosmologia e da espiritualidade guarani em suas palestras para pessoas não indígenas.

Lugares de memória

Estação da Luz, Praça da Sé, Pico do Jaraguá.

Data da entrevista

26 de março de 2024



RITA CADILLAC

Biografia

Rita de Cássia Coutinho (Rita Cadillac) nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 13 de junho de 1954. Viveu parte da infância e da adolescência na casa da avó paterna, Regina Dessa, na Lapa. Aos dezesseis anos, casou-se e teve um filho. Após a separação, passou dois anos em turnê com Haroldo Costa e Mary Marinho, em países como Estados Unidos, Venezuela, Argentina, Canadá e Alemanha. Em 1974, passou em um teste para o programa *Discoteca do Chacrinha*. Durante dez anos, acompanhou Chacrinha por diferentes emissoras de televisão como chacrete. No início dos anos 1980, participou de filmes como *Asa Branca: um sonho brasileiro* (1980), *Tessa, a Gata* (1980), *Aluga-se Moças* (1981), *O Vale dos Amantes* (1982) e *Aluga-se Moças 2* (1983). A partir de 1984, começou a cantar em penitenciárias no Rio de Janeiro e em São Paulo (SP). Esses shows resultaram em um convite para que se tornasse a madrinha da Comissão de Internos da Casa de Detenção de São Paulo, onde participava também de ações de prevenção ao HIV/Aids. Em 2003, foi convidada a interpretar a si mesma no filme *Carandiru*, que retratou o massacre ocorrido em 1992. Em 2010, sua carreira foi tema do documentário *Rita Cadillac: A Lady do Povo*.

Resumo da entrevista

A entrevistada inicia o relato contando sobre sua infância no bairro da Lapa, centro do Rio de Janeiro (RJ). Conta sobre as atividades políticas de avó paterna, Regina Dessa, que a enviou a um internato na adolescência, buscando sua proteção. Relata suas lembranças sobre o funcionamento do Quartel Geral da Polícia Militar, localizado em frente a sua casa. Conta que, em 1971, separou-se do pai de seu filho e passou a dedicar-se à carreira artística, viajando por diversos países, até retornar ao Brasil, após passar em um teste para o programa do Chacrinha. Conta como era a rotina de gravações e a presença da censura no set e suas experiências com a “fiscal da censura” Solange Hernandez. Conta como surgiu o nome Rita Cadillac. Conta o que significava ser uma chacrete. Conta as diferentes percepções sobre o processo da abertura política no âmbito privado e na cena pública em que, por ser dançarina na televisão, era associada à prostituição. Conta sobre oportunidades profissionais que surgiram a partir do seu trabalho como chacrete. Conta sobre as turnês que faziam com o programa do Chacrinha. Conta suas primeiras lembranças da epidemia de HIV/Aids e o envolvimento no cuidado de pessoas próximas que adoeceram em decorrência do vírus HIV. Relata como começou a fazer shows em presídios, tornando-se madrinha da Comissão de Internos da Casa de Detenção de São Paulo. Conta como soube do Massacre de Carandiru, ocorrido em 1992 e o que significou participar do filme *Carandiru*, de 2003. Conta sobre a importância de, aos sessenta anos, pautar debates sobre a sexualidade feminina. Conta sua relação com as memórias do programa do Chacrinha. Finaliza a entrevista refletindo sobre a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Quartel General da Polícia Militar (Rio de Janeiro), Casa de Detenção de São Paulo, Largo do Arouche, Boca do Lixo, Cinelândia (Rio de Janeiro).

Data da entrevista

15 de julho de 2022



RITA QUADROS

Biografia

Rita Cerqueira Quadros nasceu em 23 de setembro de 1964, em São Paulo (SP). Sua trajetória militante iniciou-se nos anos 1980, nos movimentos de saúde, de moradia e político-partidários, momento de seu encontro com o feminismo. Em 1984, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), onde ajudou a construir o Núcleo GLT/PT. Na década de 1990, participou da organização das primeiras Paradas do Orgulho LGBTQ+ realizadas em São Paulo. Presidiu a Comissão Organizadora do 5º Seminário Nacional de Lésbicas (V SENALE). Compôs a organização das primeiras Caminhadas de Lésbicas. Assumiu também a cadeira destinada às lésbicas no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. De 2008 a 2011, participou da formação do Cine Mulher, e atualmente dedica-se ao Cine Sapatão, coletivo que exhibe filmes a partir de uma perspectiva lesbiana para abordar as diversas e múltiplas invisibilidades: sexual, de identidades, de gênero, racial, geracional, econômica e de classe. No Cine Sapatão, também participou do processo de produção e direção do curta-documentário *Ferro's*.

Resumo da entrevista

A entrevistada inicia seu relato falando sobre o clima político do bairro onde cresceu, Vila Maria, na Zona Norte de São Paulo (SP). Conta as percepções da presença da polícia no dia a dia. Relata que começou a compreender o que havia ocorrido durante a ditadura, ao ler o livro *Brasil: Nunca Mais*, e suas percepções sobre o conteúdo dele. Conta como entrou em contato com a Teologia da Libertação, em um grupo da Igreja Católica. Relata as primeiras experiências como lésbica. Conta sobre a efervescência cultural na abertura política. Conta sobre seu processo de filiação no Partido dos Trabalhadores (PT), em 1984, e as discussões sobre gênero e sexualidade no partido, naquele contexto. Relata as percepções sobre o processo de institucionalização dos movimentos sociais nos anos 1990. Conta sobre o início da sua militância no movimento LGBTQ+, em um grupo de estudos chamado Etc. e Tal. Relata suas percepções sobre a 1ª Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, em 1997. Reflete sobre o lugar das lésbicas em espaços de militância LGBTQ+. Conta como se deu a sua saída da organização da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo e a organização da 1ª Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais de São Paulo, realizada em 2003. Reflete sobre a relação do afetivo e do ativismo entre as lésbicas. Conta sobre o 5º Seminário Nacional de Lésbicas (V SENALE), realizado em São Paulo, em 2003. Conta as primeiras lembranças da epidemia de HIV/Aids. Relata a primeira ida ao Ferro's Bar e a relação com a memória do levante ocorrido ali, em 1983. Recorda algumas pioneiras do movimento lésbico brasileiro, como Lurdinha Rodrigues, Dora Simões, Emily, Ruth, Éride, Rosely Roth, Virgínia, Rosângela Castro, Miriam Weber, Cláudia e Mara. Finaliza a entrevista relatando qual é a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Praça Roosevelt, Praça da República, Avenida Dr. Vieira de Carvalho, Ferro's Bar.

Data da entrevista

23 de março de 2024



SALETE CAMPARI

Biografia

Salete Campari (Francisco de S. Rodrigues) nasceu em Araruna (PB), em 23 de maio de 1969. Em 1981, mudou-se para São Paulo (SP) para viver com seu irmão no bairro Jardim Aeroporto. Na adolescência, começou a frequentar as boates Val Improviso e Nostro Mondo, tornando-se amiga da artista transformista Miss Biá, que a convidou para começar a se apresentar na noite de São Paulo. Trabalhou em diversas casas noturnas, como Nostro Mondo, Túnel do Tempo, Gent's, Rave, Salvation, Tunnel e Massivo. Tornou-se conhecida, sobretudo, por ser hostess em festas e eventos, como o Mercado Mundo Mix. Em paralelo à carreira artística, na década de 1990, tornou-se ativista do movimento LGBTQ+. Em 2008, lançou sua primeira candidatura ao cargo de vereadora em São Paulo. No momento da entrevista, trabalha como assessora parlamentar do deputado estadual Eduardo Suplicy.

Resumo da entrevista

O entrevistado inicia seu relato com lembranças da infância em Araruna (PB). Conta como se deu sua mudança para São Paulo (SP) em 1981. Conta como conheceu Miss Biá e a iniciativa que desenvolveu com Beto de Jesus para distribuir preservativos e conscientizar a população sobre HIV/Aids nas ruas. Conta as diferenças dos estilos de artistas transformistas. Conta como eram as noites na Nostro Mondo, Homo Sapiens, Corintho e Gent's. Conta como começou a se montar em um show com Miss Biá. Conta como surgiu o nome Salete Campari. Conta alguns episódios de discriminação que sofreu por ser uma artista nordestina. Relata a presença da polícia na noite. Conta como começou a associação entre Salete Campari e Marilyn Monroe. Conta sobre suas primeiras referências sobre HIV/Aids e os impactos da epidemia na vida noturna. Conta que sempre foi uma drag hostess, responsável por receber as pessoas nas festas e como, a partir desse trabalho, começou a fazer participações em programas de televisão. Conta quando começou a se utilizar o termo drag queen. Conta sobre sua participação na 17ª Conferência da Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA), realizada no Rio de Janeiro, em 1995, e sobre a realização da 1ª Parada do Orgulho LGBTQ+, em São Paulo. Conta sobre eventos virtuais "Corujão da Salete" que organizou, em 2020, em resposta à Parada Virtual do Orgulho LGBTQ+, que, naquele ano, não convidou as artistas mais experientes. Conta como iniciou sua relação com a política partidária e o que significou lançar sua candidatura ao cargo de vereadora em São Paulo, em 2008. Finaliza a entrevista contando qual a importância de compartilhar e registrar suas memórias.

Lugares de memória

Nostro Mondo, Val Improviso, Parque do Ibirapuera.

Data da entrevista

15 de julho de 2023



SILVETTY MONTILLA

Biografia

Silvio Castro Bernardo (Silvetty Montilla) nasceu em São Paulo (SP), em 10 de julho de 1967. Aos dezoito anos, começou a frequentar espaços de sociabilidade homossexuais, como os bares Ritz, Pluto's e Cheguei, localizados na rua Marquês de Itu, e a boate Fabio's. Em 1987, começou a se apresentar na noite de São Paulo, atuando inicialmente como dançarina de apoio, dubladora, até se tornar apresentadora, conciliando a carreira artística com o trabalho como auxiliar de promotoria no Ministério Público do Estado de São Paulo. Em 1998, estreou na peça teatral *Cindy ou Fergi*, iniciando uma carreira no teatro que incluiu os espetáculos *Non é vero é verissimo* (2004), *As três Marias* (2012), *Segunda Acontece* (2006-2010), *Terça Insana* (2013-2014), *Cartola – o mundo é um moinho* (2016) e *O nome dela é Valdemar* (2018). Na televisão, participou de programas como *Toma lá, dá cá* (Globo, 2009), *Programa Eliana* (SBT, 2011) e *Pé na cova* (2014). Em 2012, concorreu a uma vaga na Câmara de Vereadores de São Paulo. No momento da entrevista, trabalha como comediante e atriz.

Resumo da entrevista

O entrevistado inicia seu relato contando sobre a infância no bairro da Casa Verde, Zona Norte de São Paulo (SP). Conta sobre sua entrada na banda marcial do Colégio Jardim São Paulo, onde tocou por dez anos. Conta que o processo de entendimento sobre sua homossexualidade foi tardio, apenas aos dezoito anos, e que, até então, as poucas referências que tinha eram de personagens de programas televisivos. Conta como chegou aos bares da Rua Marquês de Itu pela primeira vez e descreve suas primeiras impressões. Conta que foi preso e levado ao 3º Distrito Policial após uma operação policial realizada pelo delegado José Wilson Richetti, na entrada da boate Fabio's, na Santa Cecília. Conta como conciliou, durante quatro anos, seu trabalho como auxiliar de promotoria no Ministério Público do Estado de São Paulo com o início da carreira na noite. Conta sobre as primeiras casas noturnas e bares onde trabalhou, como Fabio's, Val Show, Nostro Mondo, Gent's, Mad Queen, Prohibidu's, A Lôca, Tunnel, Queen e Danger. Conta como surgiu o seu nome artístico. Conta suas primeiras lembranças da epidemia de HIV/Aids e sua participação no evento beneficente CaridAIDS. Conta seu envolvimento na Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo. Conta sua carreira no teatro. Conta seu processo de reconhecimento como comediante. Conta sobre a experiência de lançar sua candidatura a vereador em 2012. Finaliza refletindo sobre o espaço da arte transformista na noite de São Paulo atual e sobre a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Avenida Dr. Vieira de Carvalho, Homo Sapiens, 3º Distrito Policial – Campos Elíseos, Nostro Mondo, Hospital Emílio Ribas, Corinthians, Prohibidu's, Casa de Apoio Brenda Lee, Praça Roosevelt, Parque do Ibirapuera.

Data da entrevista

26 de julho de 2024



THAÍS DE AZEVEDO

Biografia

Thaís de Azevedo nasceu em Várzea da Palma (MG), em 26 de junho de 1949. Aos treze anos, mudou-se para o Rio de Janeiro (RJ), onde viveu a descoberta de seu gênero e sexualidade. Mudou-se para São Paulo (SP) para trabalhar como modelo no Shopping Ibirapuera. Conta que, por sua aparência feminina, subverteu espaços conservadores onde, por muito tempo, não desconfiaram de sua transgeneridade. Passou anos em trânsitos provisórios entre Roma, Paris e São Paulo, até se estabelecer de vez nesta última cidade em 1997. Na década de 1980, após descobrir que vivia com HIV, participou do início do movimento de luta contra a epidemia de HIV/Aids. Apesar de encontrar resistência em alguns grupos por ser uma travesti, tornou-se colaboradora da Casa de Apoio Brenda Lee, onde aprendeu sobre cuidados paliativos para pacientes com HIV/Aids. A partir desse trabalho, foi para a Alemanha aprimorar seus estudos. Ao retornar ao Brasil, em 1997, começou a atuar no Grupo Pela Vidda-SP. No momento da entrevista, atua como presidenta do grupo. Thaís de Azevedo faleceu em 19 de novembro de 2024.

Resumo da entrevista

A entrevistada relata sua infância no interior de Minas Gerais e a adolescência no Rio de Janeiro (RJ), para onde se mudou para estudar. Conta a descoberta da vida na cidade grande: o primeiro amigo homossexual, as fugas da escola para explorar a cidade, a Cinelândia como um lugar dos gays na noite carioca e a violenta repressão policial. Conta também sobre sua vinda para São Paulo (SP) para trabalhar como manequim e vendedora da Shadow, no Shopping Ibirapuera. Destaca a importância desse trabalho, mas a dificuldade de mantê-lo diante de sua transexualidade, avaliando que, nessa época, trabalhava muito e ganhava pouco por não ser uma “mulher”. Thaís narra também como era a vida noturna de São Paulo, suas diferenças com gays cisgêneros, a concentração das travestis entre a Avenida Angélica e a Rua Minas Gerais, local onde começou a realizar programas. Reflete sobre os primeiros movimentos homossexuais, a ausência de espaço para as travestis, questões de gênero e preconceito racial. Sobre a violência policial, relata que, devido às perseguições, elas não podiam ficar na rua, razão pela qual muitas se exilaram na Europa. Relata sobre a vida na França e a valorização das travestis brasileiras na Europa por meio dos shows que realizavam. Conta, ainda, sobre os cursos que fez para aperfeiçoar o francês, sobre moda e saúde, destacando que, na Europa, viveu com mais conforto e segurança. Thaís voltou ao Brasil em 1997, quando conheceu o Grupo Pela Vidda SP e a Casa de Apoio Brenda Lee. Encerra refletindo sobre a vida das travestis, a rejeição, a violência, o uso de silicone e a prostituição como alternativa de sobrevivência.

Lugares de memória

Cinelândia (Rio de Janeiro), Hotel Hilton, Medieval, Nostro Mondo, Theatro Municipal, Hospital Emílio Ribas, Casa de Apoio Brenda Lee, Praça Rotary.

Data da entrevista

20 de julho de 2022



UBIRAJARA CAPUTO

Biografia

Ubirajara Caputo nasceu em São Paulo (SP), em 23 de fevereiro de 1960. Na adolescência, começou a frequentar a Praça da República e a viver sua homossexualidade. Ingressou na Universidade de São Paulo (USP) em 1978, mas não concluiu o curso de Matemática. Posteriormente, estudou Educação na mesma universidade. Nos anos 1980, frequentou a noite e espaços de encontro e sociabilidade para homens gays, como boates, cinemas e saunas. Após a morte de um de seus namorados, participou do Lambda, envolvendo-se na luta contra a epidemia de HIV/Aids. No momento da entrevista, é aposentado, cientista do trabalho e doutor em Psicologia Social pela USP. Em 2017, publicou o livro *O Caso Bruna: gênero, transexualidades e opinião pública* (Annablume) e, em 2025, lançou a biografia *Brenda Lee: memórias entrelaçadas da Aids* (Politeia).

Resumo da entrevista

O entrevistado inicia o relato recordando sua infância na Mooca, bairro de São Paulo (SP). Conta sobre a presença da polícia no seu dia a dia, quando era estudante da USP, no fim dos anos 1970. Relata como era a universidade nesse contexto e a relação dos estudantes com as autoridades universitárias. Conta como era a paquera entre homens gays na Praça da República. Relata suas percepções sobre as contradições do processo de abertura política e de conquista de liberdades civis, sendo um homem gay. Conta sobre os perigos que envolviam viver sua sexualidade e a presença da polícia em espaços de pegação. Conta suas percepções sobre as mudanças sofridas pela região da República entre meados dos anos 1970 e início dos anos 1980. Conta quais eram as diferenças entre as regiões da Boca do Luxo e da Boca do Lixo. Relata algumas boates frequentadas por ele, como Nostro Mondo, Medieval, Val Improviso, Gent's, Prohibidu's, Bug House, Villa Station Cabaré, Corinto e Danger. Relata sua relação com os grupos de militância homossexual organizada. Conta como se deu seu envolvimento no Lambda e na luta contra a epidemia de HIV/Aids. Conta como conheceu seu marido, Luiz, e as vivências do casal durante o processo de adoecimento do companheiro pelo vírus HIV. Conta como se organizava o Lambda e quais ações eram desenvolvidas pelo grupo. Relata como conheceu Brenda Lee e sua casa de apoio. Finaliza a entrevista realizando um balanço sobre suas experiências e as pessoas que conheceu e que faleceram nos primeiros anos da epidemia de HIV/Aids.

Lugares de memória

Praça da República, Praça Dom José Gaspar, Largo do Arouche, Boca do Luxo, Boca do Lixo, Val Improviso, Nostro Mondo, Medieval, Corinto.

Data da entrevista

16 de maio de 2024



VERA CAMPOS

Biografia

Vera Campos nasceu em São Paulo (SP), no bairro de Pirituba, em 17 de dezembro de 1959. Cresceu trafegando entre Pirituba e Perdizes, onde sua mãe trabalhava. Aos quatorze anos, a mãe foi convidada para ser caseira em um escritório de arquitetura em Perdizes. Vera foi, então, contratada como recepcionista e auxiliar do escritório. Morando naquele bairro durante a adolescência, suas relações sociais mudaram: os amigos eram brancos, de classe média alta e a maioria morava em um conjunto de prédios chamado “Barão”. Aos 24 anos, cansada de trabalhar em escritórios e de ser humilhada pelos contratantes, mudou de rumo e conheceu o ramo de pesquisa de mercado. Entre os anos 1970 e início dos anos 1990, frequentou a cena cultural de São Paulo, os teatros, os shows e a vida boêmia do Bixiga. No final dos anos 1980, começou a trabalhar com produção cultural nas Feiras de Artes da Vila Pompéia e da Vila Mariana. Aos 45 anos, ingressou no curso de Tecnologia em Eventos. No momento da entrevista, atua como gestora e secretária executiva do Coletivo Cultural Bixiga (CCbiX) e como voluntária na Mobilização Saracura Vai-Vai.

Resumo da entrevista

A entrevistada inicia o relato compartilhando lembranças da infância e da pré-adolescência, no bairro de Pirituba, zona noroeste de São Paulo (SP). Conta que, aos quatorze anos, mudou-se para Perdizes, quando sua mãe foi convidada para ser caseira em um escritório de arquitetura, onde Vera passou a trabalhar como recepcionista. Relata a presença da polícia no dia a dia em Pirituba e os efeitos da lei da vagdiagem. Conta sobre experiências de racismo durante sua vida escolar. Fala de sua inserção na turma “Barão”, formada por jovens de Perdizes, e como isso ampliou seu repertório cultural. Conta quais eram suas referências sobre feminismo, e que não teve contato com os debates raciais promovidos pelo Movimento Negro Unificado (MNU). Conta que foi demitida do escritório de arquitetura por racismo de um dos donos e, a partir disso, passou a trabalhar com pesquisa de mercado. Reflete o que significou para ela o fim da ditadura, sobretudo, o movimento pelas Diretas Já, em 1984. Conta o que fazia para se divertir no início da vida adulta. Relata a importância da roupa e da estética na afirmação de sua identidade como uma mulher negra. Conta como o início da epidemia de HIV/Aids acentuou o racismo contra pessoas negras e os efeitos da epidemia no seu grupo de amigos. Conta como começou a trabalhar com produção cultural na Feira de Artes da Vila Pompéia. Compara as mudanças na produção cultural desde quando começou até os dias atuais. Conta como começou sua relação com o território do Bixiga e como se tornou voluntária do Movimento Saracura Vai-Vai pela preservação da memória negra do bairro. Finaliza a entrevista refletindo sobre a importância de registrar suas memórias.

Lugares de memória

Theatro Municipal, Vale do Anhangabaú, Teatro da Universidade Católica de São Paulo (Tuca), Praça da Sé.

Data da entrevista

25 de julho de 2024



VICTORIA PRINCIPAL

Biografia

Victoria Principal (Antônio Marcos Gonçalves Mendes) nasceu em São Paulo (SP), em 21 de outubro de 1970. Durante a infância e a pré-adolescência, vendia flores com sua mãe e irmãos pelas ruas e estabelecimentos da Boca do Luxo. Aos dezesseis anos, entrou pela primeira vez na casa noturna Homo Sapiens, onde a artista transformista Frank Ross a convidou para fazer uma dublagem. A partir de então, iniciou sua carreira no transformismo, apresentando-se nas boates Homo Sapiens, Nostro Mondo, Mad Queen, Gent's e Rave. Tornou-se conhecida como uma artista caricata, um dos estilos da arte transformista em voga nos anos 1970 e 1980, arte à qual se dedica ainda no momento da entrevista.

Resumo da entrevista

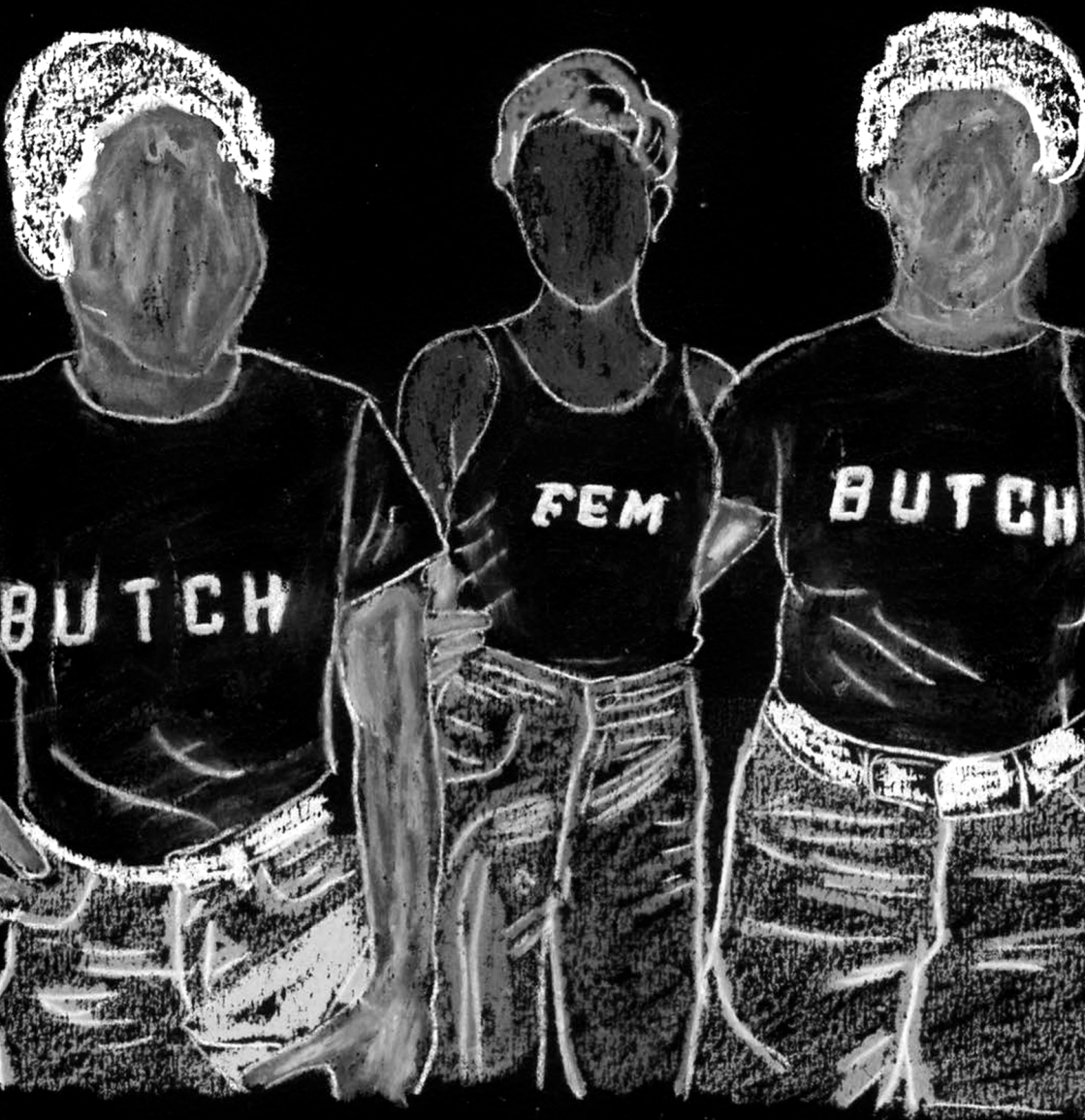
A entrevistada inicia seu relato contando sobre a infância em São Paulo (SP). Sua mãe era vendedora ambulante nas ruas de São Paulo e levava as crianças para trabalharem com ela. Relata como era o cotidiano de vendas nas ruas da Boca do Luxo. A entrevistada explica o que é ser uma artista caricata, as características da sua montagem e das apresentações, e suas referências nesse estilo de arte transformista. Conta como surgiu o nome Victoria Principal. Relata as diferenças entre as artistas transformistas, seus estilos de montagem e de apresentação. Conta como era a rotina de trabalho em espaços da noite de São Paulo nas décadas de 1980 e 1990: Nostro Mondo, Rave, Gent's e A Lôca. Conta sobre os efeitos da epidemia de HIV/Aids em seu entorno social. A entrevistada relata os questionamentos que já se fez sobre sua identidade de gênero. Conta os desafios para se manter como artista transformista na atualidade. Conta sobre a importância de ter voltado a estudar, aos 45 anos. Finaliza a entrevista refletindo sobre a importância de compartilhar sua história e integrar o acervo de um museu.

Lugares de memória

Hotel Hilton, Homo Sapiens, Largo do Arouche, Nostro Mondo, Avenida Dr. Vieira de Carvalho, Hospital Emílio Ribas.

Data da entrevista

06 de dezembro de 2023



MEMÓRIAS À MARGEM

Coletas públicas de testemunhos

LÉSBICAS COM

ORGULHO

MEMÓRIAS DO FUTURO: LÉSBICAS E NEGRAS

Lúcia Castro

Mara Lúcia da Silva

Biografias das entrevistadas

Lúcia Castro nasceu em Campinas (SP), em 21 de abril de 1973. É mulher negra lésbica, religiosa de matriz africana, jogueira e produtora cultural. Atuou na defesa dos Direitos Humanos em movimentos sociais como LGBTQ+, cultura popular, movimento de mulheres negras e movimento negro. É fundadora do Coletivo Aos Brados!!! A vivência digna da sexualidade e do *Jornal aos Brados*. É uma das fundadoras da Parada LGBTQ+ de Campinas. Foi conselheira titular do orçamento participativo voltado à comunidade LGBTQ+ entre os anos de 2001 e 2003, e atuou na criação do primeiro Centro de Referência LGBTQ do Brasil, em Campinas, em 2001. É integrante da comunidade Jongo Dito Ribeiro, na Casa de Cultura Fazenda Roseira, desde 2012. Foi responsável pela realização do Encontro Estadual de Mulheres Negras de São Paulo, em 2018. Integrou a Coordenação Nacional de Mulheres Negras na organização do “Encontro Nacional de Mulheres Negras – 30 anos contra o racismo, a violência e pelo bem viver: mulheres negras movem o Brasil”, que foi realizada em Goiânia (GO) em 2018. No momento da entrevista integra a Quilomba Nzangazi lesbi e trans Brasil.

Mara Lúcia da Silva é socióloga formada na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), tendo como tema dos trabalhos de conclusão a Lei 10.639 de 2003, que tornou o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira obrigatório em todas as escolas. Participou do coletivo Umas & Outras, do bloco afro Ilú Obá

de Min, entre 2005 e 2009, e do Ipê do Xequerê. Envolveu-se também na criação do bloco Kazunji, cujo trabalho resgata os principais ritmos da Bahia, sob a regência de Maurício Badé, tocando surdo de virada. Desde 2009, participa da Marcha Mundial das Mulheres, movimento feminista internacional iniciado em 2000, que realiza uma campanha mundial contra a pobreza e a violência contra as mulheres. Em 2014, participou da construção da 1ª Marcha de Mulheres Negras, que aconteceu em Brasília (DF) em novembro de 2015. O evento foi marcado por várias plenárias e rodas de conversa que abordaram temas como o extermínio da população negra, a violência contra a mulher e o racismo. Como fruto dessas atividades, nasceu o Samba Negras em Marcha, do qual participa desde sua criação, tocando xequerê e agogô e atuando no backing vocal. No momento da entrevista, é funcionária pública estadual na área da saúde.

Resumos das entrevistas

Lúcia Castro inicia seu relato contando que cresceu em uma família com forte presença da Igreja Católica. Conta sobre as primeiras referências de lesbianidade, na música de Leci Brandão, e sobre as mulheres que jogavam futebol em Campinas (SP). Conta sobre o preconceito sofrido no bairro em que vivia, Proença. Conta sobre as dificuldades encontradas por mulheres negras para viverem sua sexualidade. Conta que saiu de casa pela primeira vez, aos quatorze anos, e ao retornar, viu suas roupas serem separadas, durante cinco anos, pelo preconceito de sua família, que temia que ela tivesse contraído o vírus HIV por conviver com travestis. Conta seu envolvimento com o Movimento Sem Terra (MST), o Partido dos Trabalhadores (PT), o Conselho de Saúde de Campinas e o grupo Identidade. Conta a importância de participar do grupo Identidade para acessar processos e espaços de formação militante. Relata sua participação na criação do Moleca – Movimento Lésbico de Campinas. Conta como foi escolhida para fazer parte da Coordenação Nacional de Mulheres Negras. Conta como fundou o coletivo Aos Brados. Questiona qual é o lugar das mulheres negras nos espaços de militância lésbica, a partir de suas vivências no 6º Seminário Nacional de Lésbicas (VI SENALE), realiza-

do em Recife (PE), em 2006. Conta sobre a importância de ter participado do “Encontro Nacional de Mulheres Negras - 30 anos contra o racismo, a violência e pelo bem viver: mulheres negras movem o Brasil”, realizado em 2018, quando se reconectou com o movimento de mulheres lésbicas. Finaliza seu relato refletindo sobre as vezes em que lhe foi dito que ela não seria ninguém na vida e declamando a poesia “Preta”, de autoria de Marília Correia.

Mara Lúcia da Silva inicia seu relato contando que sua primeira referência de lesbianidade foi uma tia, até conhecer sua primeira namorada, aos 29 anos. Conta sobre a reação contraditória da mãe, que sempre acolheu seus amigos gays. Conta que a primeira namorada foi assassinada por um vizinho após uma discussão e destaca a importância de relatar os casos de lesbocídio. Conta como começou a frequentar bares e casas noturnas de sapatão no Bixiga, como o bar da Marlene, a boate Stai e o Ferro’s Bar. Conta sobre sua participação no grupo Umas & Outras e as atividades realizadas pelo coletivo. Conta sobre a realização do 5º Seminário Nacional de Lésbicas (V SENALE), em São Paulo (SP), em 2003. Reflete sobre o fortalecimento de espaços de convivência para lésbicas durante sua trajetória de vinte anos de militância. Conta sobre sua participação na Marcha das Mulheres Negras. Relata o que foi o LesboCenso, iniciado em 2022. Finaliza seu relato refletindo sobre a continuidade da violência policial contra corpos de mulheres negras, lésbicas e bissexuais, mesmo após o fim da ditadura.

Lugares de memória

Ferro’s Bar, Boate Stai, Largo do Arouche, Casa do Povo.

Data da entrevista

26 de agosto de 2023

SOCIABILIDADE LÉSBICA

Adriana Arco íris

Lélia Batista Alves

Biografias das entrevistadas

Adriana Simone da Silva (Adriana Arco Íris) nasceu em Natal (RN). Em 1985, mudou-se para São Paulo (SP), após a morte do pai. Participou da criação da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, em 1997. Comerciante, teve uma loja LGBTQ+ no Largo do Arouche por dezessete anos e, mesmo após seu fechamento, a marca Acessórios Arco Íris. Participou do Fórum Mundial Social em Porto Alegre (RS) e de diversas edições do Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE) e do Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais (SENALESBI). No momento da entrevista, atua como educadora social para a ONG Casarão Brasil.

Lélia Batista Alves nasceu em São Paulo (SP), em 6 de junho de 1962. Aos dois anos, mudou-se para Diadema (SP). É lésbica e pedagoga. É presidenta da Associação Viva a Diversidade, fundada por ela, sua esposa Dejanira e outros amigos, entre os anos de 2000 e 2004. Em 2005, o grupo conseguiu registrar a instituição. No momento da entrevista, atua como membro do Conselho dos Direitos da Pessoa Humana (CONDEP) e participa de várias frentes nacionais e estaduais LGBTQ+, além de movimentos de lésbicas de São Paulo e ABC Paulista.

Resumo das entrevistas

Adriana Arco Íris inicia seu relato contando sobre as primeiras referências de pessoas homossexuais na infância e na adolescência.

Conta que, em 1985, mudou-se de Natal (RN) para São Paulo (SP), após a morte do pai. Conta que, em 1995, antes de se tornar militante LGBTQ+, começou a vender a bandeira do arco-íris na Joy Club, em Pinheiros. Conta os espaços de sociabilidade LGBTQ+ que frequentou, entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990. Relata que sua primeira aproximação com a militância se deu durante o 5º Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Atuam na Prevenção da Aids (VENTLAIDS), realizado em São Paulo, em 1997. Conta sobre sua participação nas duas primeiras edições da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo. Conta sobre sua atuação na ONG Casarão Brasil. Finaliza o relato refletindo sobre as conquistas das mulheres lésbicas e a possibilidade de viverem seus afetos e identidades publicamente.

Lélia Batista Alves inicia seu relato contando memórias da infância em Diadema (SP), durante a ditadura. Conta sobre sua participação nas lutas sindicais no fim da adolescência. Conta que se casou e teve filhos, apesar de reconhecer, desde a pré-adolescência, sua atração por mulheres. Conta como foi o início da relação com a esposa, Djaniira, e as dificuldades que encontraram para vivê-la publicamente em Diadema. Conta sobre a ameaça que representavam os Carecas do ABC. Conta sobre as festas que realizavam em casa, que resultaram na constituição da ONG Associação Viva Diversidade. Conta sobre a participação da ONG em espaços como o Fórum Paulista e a relação com o poder público, que invisibilizava a população LGBTQ+ local. Conta sobre o processo de articulação do movimento LGBTQ+ no ABC Paulista. Reflete sobre o que significa ser uma mulher lésbica em um país machista e lesbofóbico.

Lugares de memória

Largo do Arouche, Nostro Mondo, Ferro's Bar, Moustache.

Data da entrevista

31 de agosto de 2024

VISIBILIDADES LÉSBICAS

Daiane Pettine

Florência Castoldi

Rita Quadros

Biografias das entrevistadas

Daiane Pettine nasceu em 28 de janeiro de 1989, em São Paulo (SP). É artista audiovisual, gestora de projetos culturais e arte-educadora. É criadora e diretora da premiada série *Atunko Ilú Obá de Min*, vencedora como Melhor Websérie de Diversidade no Rio Web Fest (2020). Representou o Brasil no Diversity in Cannes (França, 2021) e teve sua obra indicada como Melhor Websérie Documental nos festivais de Montreal (Canadá), Nova Zelândia e Bilbao (Espanha). É autora do livro *Avaliar: verbo intransitivo*. Atua na coordenação do Ecossistema do Bloco Ilú Obá De Min, organização com mais de vinte anos de atuação nas artes e na cultura negra. Sua trajetória é marcada por processos criativos colaborativos, com foco em narrativas negras, femininas, temas sociais e criações em animação.

Florência J. Castoldi nasceu em 18 de maio de 1982, em Bahía Blanca (Argentina). Mulher lésbica e migrante, e mora no Brasil desde 2018. É assistente social de formação, com experiência nacional e internacional em educação popular. Membro da Rede Milbi+, da coletiva de mulheres Expresso Periférico e membro fundadora do grupo de capoeira Novas Raízes.

Rita Cerqueira Quadros nasceu em 23 de setembro de 1964, em São Paulo (SP). Sua trajetória militante iniciou nos anos 1980, nos movimentos de saúde, moradia e política partidária, momento de seu encontro com o feminismo. Em 1984, filiou-se ao Partido dos Trabalha-

dores (PT), no qual ajudou a construir o Núcleo GLT/PT. Na década de 1990, participou da organização das primeiras Paradas do Orgulho LGBTQ+. Presidiu a Comissão Organizadora do 5º Seminário Nacional de Lésbicas (V SENALE). Integrou a equipe responsável pelas primeiras Caminhadas de Lésbicas. Assumiu também a cadeira destinada às lésbicas no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. De 2008 a 2011, participou da constituição do Cine Mulher, e atualmente dedica-se ao Cine Sapatão, coletivo que exhibe filmes a partir de uma perspectiva lesbiana para abordar as diversas e múltiplas invisibilidades: sexual, de identidades, de gênero, racial, geracional, econômica e de classe. Também no Cine Sapatão, participou do processo de produção e direção do curta-documentário *Ferro's*.

Resumo da entrevista

Daiane Pettine inicia seu relato refletindo sobre três palavras importantes para a cultura negra: resistência, memória e oralidade. Conta sobre suas primeiras lembranças relacionadas à sua sexualidade, como as músicas de Cássia Eller e algumas interações em um bate-papo virtual. Conta sobre sua primeira referência, a tia Adriana, e as primeiras experiências de lesbofobia na família. Reflete sobre o caso de Luana Barbosa, como referência das violências que geralmente marcam as experiências de mulheres negras e lésbicas brasileiras. Relata como a cultura sempre foi um espelho para organizar sua experiência como lésbica, a partir de exemplos como a novela *Torre de Babel* (Globo) e a cantora Sandra de Sá. Reflete sobre a importância de reconhecer algumas vitórias do movimento lésbico no campo cultural. Conta sobre sua trajetória no Ilú Obá de Min. Conta sobre a importância de ocupar a cidade e de encontrar lugares de sociabilidade seguros para vivenciar sua sexualidade. Discute a saúde mental como uma pauta urgente para o movimento lésbico. Finaliza seu relato refletindo sobre a importância de sair do “poço da solidão”, da violência e da existência escondida em espaços privados.

Florência Castoldi inicia seu relato citando um poema de María Elena Walsh, poeta lésbica perseguida pela última ditadura civil-militar na

Argentina. Conta como foi o início da Rede MILBi+, como chegou ao Brasil, em 2018, e como se aproximou da Rede. Reflete sobre as especificidades das experiências de migração, sobretudo no contexto da pandemia de Covid-19. Conta sobre suas dificuldades para se reconhecer lésbica devido à formação religiosa. Conta sobre os espaços de atuação da Rede MILBi+ e o trabalho de monitoramento das condições em que pessoas migrantes LGBTQ+ são tratadas no Brasil. Reflete sobre a importância de músicas que falam sobre mulheres lésbicas para visibilizar suas vivências. Finaliza seu relato falando sobre a memória lésbica relacionada à experiência da última ditadura argentina.

Rita Quadros inicia contando suas primeiras referências de lesbiabilidade, quando era apontada por se parecer com a cantora Simone. Conta sobre sua primeira namorada, quando tinha dezessete anos e sobre a primavera eleitoral de 1982. Reflete sobre as representações de pessoas homossexuais que circulavam entre as esquerdas. Conta sobre a primeira vez que foi ao Ferro's Bar, no final dos anos 1980. Conta sobre os códigos que ajudavam a identificar mulheres lésbicas. Conta sobre seu envolvimento com o Partido dos Trabalhadores (PT) e as tentativas de impulsionar o debate sobre sexualidade no interior do partido. Relata o processo de organização da 1ª Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo. Conta sobre sua participação em eventos da militância lésbica, como o 5º Seminário Nacional de Lésbicas (V SE-NALE), em 2003, e a 1ª Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais de São Paulo, também em 2003. Finaliza seu relato, refletindo sobre a importância da visibilidade e da memória como instrumentos de luta.

Lugares de memória

Ferro's Bar, Avenida Dr. Vieira de Carvalho, Museu Judaico de São Paulo, Bar du Bocage.

Data da entrevista

27 de agosto de 2022

GLOSSÁRIO

Acué: Dinheiro.

Alibans: Policiais.

Amapô: Mulher.

Aquenda a edaca: Avisar; falar.

Arerê: Bagunça; confusão; alvoroço; festa; alegria; celebração.

Bicha: Homem gay.

Bofe: Rapaz; homem heterossexual bonito.

Bombadeira: Mulher transexual ou travesti que vende clandestinamente serviços de aplicação de silicone.

Boneca: Travesti.

Cai do banco: Expressão que se refere a homens percebidos socialmente como gays.

Caçação: Ato de buscar parceiros para relações casuais, geralmente sexuais.

Caricata: Artista transformista ou drag queen conhecida por suas performances teatrais ou cômicas, pelo figurino e maquiagem exagerados e pela personalidade debochada.

Chuchu: Barba malfeita.

Cinemão: Locais de encontro para relações sexuais casuais, onde são exibidos filmes pornográficos, localizados geralmente em antigos cinemas de rua.

Clubbers: Frequentadores de espaços da cultura alternativa clubber, que teve seu auge entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, com a popularização de festas de música eletrônica, como techno, house, trance e outros subgêneros.

Corre-corre: Carro.

Cosicar os oju: Expressão que significa observar.

Dar a Elza: Expressão que refere-se ao ato de roubar.

Dar close: Expressão que significa aparecer, exhibir-se, destacar-se de forma positiva.

Desacuedar: Desistir de alguém ou algo; sair fora; esquecer.

Disforia de gênero: Expressão que se refere ao sofrimento ou desconforto que uma pessoa pode sentir quando sua identidade de gênero difere do sexo que lhe foi atribuído no nascimento.

Dissidente de sexo e gênero: Refere-se a indivíduos cuja identidade, expressão ou experiências de gênero e/ou orientação sexual divergem do que é socialmente considerado a norma. Isso inclui pessoas LGBTQ+ e aqueles que desafiam ou se afastam das normas de gênero binárias (masculino/feminino) estabelecidas pela sociedade.

Edi: Ânus.

Entendido/entendida: Termo popular na década de 1970, para se referir a homens gays e mulheres lésbicas.

Gogo boy: Dançarino que se apresenta em boates e casas noturnas, geralmente em ambientes gays, em performances de dança sensual ou erótica.

Ifá: Sistema oracular utilizado por Orumilá, divindade central na mitologia iorubá, responsável pela sabedoria, adivinhação e orientação do destino.

Lesbianidade: Termo que se refere às vivências, identidades e experiências de mulheres lésbicas.

Mafará: Bandido; ladrão; marginal.

Mariquinha: Homem gay.

Maricona: Homem gay mais velho.

Michê: Homem que se prostitui; garoto de programa.

Mona erê: Gay. Homossexual mais velho. Travesti.

Montação: Processo das artistas transformistas ou drag queens de preparação de sua persona artística; ato de produzir-se visualmente.

Neca: Pênis.

Obé: Faca.

Ocó: Homem heterossexual.

Pajubá ou bajubá: Forma de comunicação secreta e de resistência desenvolvida por pessoas dissidentes de gênero e sexualidade, com raízes em línguas africanas como o iorubá e em expressões da cultura popular urbana.

PEP: Sigla para “profilaxia pós-exposição”; tratamento com medicamentos antirretrovirais usado após uma possível exposição ao HIV.

Pessoa cisgênero: Pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao sexo que lhe foi atribuído no nascimento.

Pirelli: Enchimento que artistas transformistas e drag queens usam nas meias-calças para dar forma e aparência femininas ao culote.

Pivô: Movimento de dança; giro no qual o corpo da pessoa roda em torno do seu eixo vertical sem se deslocar, utilizando um ou ambos os pés como ponto de apoio no chão.

PrEP: Sigla para “profilaxia pré-exposição”; método de prevenção que envolve o uso de medicamentos antirretrovirais antes de uma possível exposição ao HIV.

Travesti: Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino. Pode se entender como mulher, como integrante um terceiro gênero ou de um não-gênero. Ou seja, pode ou não se reconhecer como mulher ou somente como travesti. É uma identidade de gênero latino-americana.

Trottoir: Termo na linguagem popular e jornalística para se referir à prostituição exercida na rua; termo utilizado para se referir às práticas de encontros no espaço público.

Vício: Termo utilizado pelas travestis e mulheres transexuais para se referir às relações sexuais sem acordos comerciais envolvidos.

Viração: Trabalho sexual.

Vôo da beleza: Termo utilizado por mulheres transexuais e travestis para se referir às viagens para países Europeus, em busca de trabalho e de acesso a cirurgias plásticas.

Yuppies: Jovens profissionais urbanos de classe média ou alta, geralmente associados ao estilo de vida consumista, carreirista, e ligado à moda, tecnologia e status.

FICHA TÉCNICA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador

Tarcísio Gomes de Freitas

Vice-Governador

Felício Ramuth

Secretária de Estado da Cultura Economia e Indústria Criativas

Marília Marton

Secretário Executivo

Marcelo Assis

Subsecretário

Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefe de Gabinete

Vicenzo Carone

Chefe da Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais

Marina Sequetto Pereira

Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural

Mariana de Souza Rolim

Coordenadora de Museus

Renata Araújo

Chefe da Divisão de Planejamento e Gestão Museológica

Mirian Midori Peres Yagui

Chefe da Divisão Técnica Museológica

Luana Gonçalves Viera da Silva

Equipe Técnica

Angelita Soraia Fantagussi

Dayane Rosalina Ribeiro

Eleonora Maria Fincato Fleury

Henry Silva Castelli

Marcos Antônio Nogueira da Silva

Regiane Lima Justino

Roberta Martins Silva

Tayna da Silva Rios

Thiago Brandão Xavier

Thiago Fernandes de Moura

Conselho de Orientação Cultural

Bianca Santana

Cássio França

Eduardo Ferreira Valério

Juliana Braga de Mattos

Mário Augusto Medeiros da Silva

Rita Maria de Miranda Sipahi

Solange Ferraz Lima

ASSOCIAÇÃO PINACOTECA ARTE E CULTURA – APAC

Diretor Geral

Jochen Volz

Diretor Administrativo e Financeiro

Marcelo Costa Dantas

Diretora de Relacionamento e Captação

Marília Gessa Rodrigues Martins

Domingues

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO

Diretora Técnica

Ana Pato

Coordenadora da Ação Educativa

Aureli Alves de Alcantara

Educadores

Ana Beatriz Roque de Oliveira

Daniel Augusto Bertho Gonzales

Guilherme Bertolino Nunes

Luis Fernando Saab Barbosa

Marcus Vinicius Freitas Alves

Oswaldo Sant'Anna Júnior

Acervo e Pesquisa

Ana Luiza Azarias Vaz

Angel Natan Fermينو dos Anjos

Pedro Luiz Stevolo

Vanessa Miyashiro

Ketelyn Karina Silva

Graziela Ribeiro de Souza

Exposições e Ação Cultural

Antônio Jorge dos Santos Júnior

Carolina Faustini Junqueira

Lucas Ribeiro

Comunicação

Bruna Caetano de Deus

Sérgio Andrade Motta

Maryana Magalhães Pereira

Desenvolvimento Institucional

Mariana Pereira

CATÁLOGO

Coordenação Editorial

Ana Pato

Produção Editorial

Angel Natan Fermينو dos Anjos

Texto

Marcos Tolentino

Pesquisa

Angel Natan Fermينو dos Anjos

Marcos Tolentino

Vanessa Miyashiro

Design Gráfico

Sergio Motta

Tradução para inglês

Tony Ramos - Otimiza

Revisão

Flávio Silva

Fontes

ABC ROM Compressed, Indivisible

Variable

Papel

Capa Supremo 300g, miolo Offset 90g

Tiragem

650 exemplares

Impressão

Gráfica Cinelândia

Créditos das imagens

Capa, pp. 2-3, pp. 110-111
Acervo Arquivo Público do Estado de São Paulo

p. 10
Isabelle Matheus / Acervo Memorial da Resistência de São Paulo

pp. 24-86
Acervo Memorial da Resistência de São Paulo - Programa Coleta Regular de Testemunhos

p. 88
Reprodução do trabalho de Angel Natan Fermino dos Anjos

Programa Coleta Regular de Testemunhos

Coleção Memórias à Margem: Ordem Social e Normatividades na Ditadura.

Entrevistadoras (es): Angel Natan Fermino dos Anjos, Ariana Mara, Aurora Maju, Barbara Esmênia, Julia Gumieri, Julia Kumpera, Lufer Sattui Mejia, Marcos Tolentino, Thayna Oliveira da Silva, Vanessa Miyashiro, Yuri Fraccaroli.

Pessoas entrevistadas: Adriana Simone da Silva, Aloma Divina, Andressa Turner, Antônio Paulino da Silva, Beth Maison, Celso Curi, Cilmara Bedaque, Daiane Pettine, Edson Cordeiro, Eduardo Barbosa, Edy Star, Florência Castoldi, Gretta Starr, Jacques Chanel, José Victorino, Kelly Cunha, Laura Finocchiaro, Lélia Batista Alves, Lili Vargas, Lúcia Castro, Mara Lúcia

da Silva, Marcinha do Corinθο, Maria Aparecida dos Santos, Maria Cristina Calixto, Mario Mendes, Miriam da Silva, Neon Cunha, Paloma Prates, Pedro Macena, Rita Cadillac, Rita Quadros, Salete Campari, Silvetty Montilla, Thaís de Azevedo, Ubirajara Caputo, Vera Lúcia Campos, Victoria Principal.

Audiovisual: Natanael Souza, Victor Baciliere.

Transcrição das entrevistas: Beatriz Bondi Felix dos Reis, Cristina Toledo de Carvalho, Lourdes da Silva, Milena Fontes, Quick Solution.

Revisão textual das transcrições: Ana Paula Brito, Louise Azevedo, Paula Salles, Ricardo Tomio.

A coleção Memórias à Margem foi desenvolvida em parceria com o Acervo Bajubá. As entrevistas que compõem esta publicação foram realizadas entre 2022 e 2024.

O Memorial da Resistência de São Paulo agradece a todas as pessoas que generosamente aceitaram conceder entrevistas para o Programa Coleta Regular de Testemunhos.

As entrevistas na íntegra podem ser consultadas em nosso Centro de Pesquisa e Referência, mediante agendamento pelo e-mail pesquisa@memorialdaresistenciasp.org.br.

Em atenção à Lei nº 9610/1998, todos os esforços foram feitos para localizar os detentores dos direitos das obras aqui expostas. Em caso de possíveis omissões, favor, entrar em contato com faleconosco@memorialdaresistenciasp.org.br.

As opiniões expressas nesta publicação não necessariamente refletem as do Memorial da Resistência de São Paulo ou das demais instituições envolvidas.

Memórias à margem : ordem social e normatividades na Ditadura / apresentação Ana Pato e Marcos Tolentino; textos Marcos Tolentino. -- São Paulo : Memorial da Resistência de São Paulo, 2025.

ISBN 978-65-89070-68-9
Edição em português e inglês

1. Ditadura - Brasil. 2. Resistência. 3. LGBT+. 4. Repressão. 5. Memória Política. 6. História oral. I. Memorial da Resistência de São Paulo. II. Apresentação. III. Textos.

CDD 320

Diego Silva - Bibliotecário - CRB-8/7729

ABAJILO A VIOLENCIA POLICIAL
SOMOS: GRUPO DE AFI RMAÇÃO HOMOSSEXUAL

CONTRA DISCRIMINACAO R
libertem os





MEMORIAL
DA RESISTENCIA

ISBN 978-65-89070-68-9



9 786589 070689